

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**A ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DOS SISTEMAS TÁTICOS
DO FUTEBOL E FUTSAL**

GABRIEL HENRIQUE DE LUCENA BUSSINGER

FLORIANÓPOLIS

2007

GABRIEL HENRIQUE DE LUCENA BUSSINGER

**A ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DOS SISTEMAS TÁTICOS
DO FUTEBOL E FUTSAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do grau de graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Ms. Carlos Luiz Cardoso
Orientador

FLORIANÓPOLIS
2007

**A ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DOS SISTEMAS TÁTICOS
DO FUTEBOL E FUTSAL**

Por

GABRIEL HENRIQUE DE LUCENA BUSSINGER

**Trabalho de Conclusão de Curso aprovado com nota ____
como requisito parcial para a obtenção do grau de
licenciado em Educação Física, tendo sido julgado pela
Banca Examinadora formada pelos professores:**

Presidente: Prof. Ms. Carlos Luiz Cardoso (Orientador)

Prof. Ms. Paulo Macedo

Prof. Ms. Jolmerson Carvalho

FLORIANÓPOLIS, 1 de fevereiro de 2007

Dedico esse trabalho aos meus pais Frederico Bussinger e Vera Bussinger, por terem me apoiado incondicionalmente em todas as escolhas da minha vida profissional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela misericórdia e pelo amor incondicional. Por ter me abençoado em todos os dias de minha vida e por me dar a oportunidade de conhecê-lo.

Agradeço a minha família, Frederico Bussinger (pai); Vera Bussinger (mãe); Fernanda Bussinger (irmã), por me apoiarem e me compreenderem na escolha de cursar uma Universidade fora de São Paulo. Sei que deve ter sido muito difícil para todos eles o período em que tenho morado em Florianópolis. Sinto muitas saudades de casa. Da minha boa e velha cama; da comida diferenciada da nossa mãe e da minha amiga Anailde; do companheiro e irmão Luiz e do carinho da família.

Agradeço a minha namorada Carina Gonçalves pelo apoio nas horas difíceis e por passar comigo momentos inesquecíveis da minha vida. Por ter cedido seu ombro, seu carinho, sua paciência e, principalmente, seu amor nesses quatro anos de trabalho com o futebol. Sei que muitas discordâncias e discussões foram geradas pelo meu empenho ao trabalho, e que muitas vezes substitui momentos importantes, dos quase cinco anos de convívio, pela dedicação ao futebol. Serei eternamente grato a ela por me deixar amá-la.

Não poderia esquecer do meu sogro Manuel Silva (Maneca); da minha sogra Carminda (Carmindinha do Maneca); dos meus pais catarinenses Tia Ana e Tio Paulo. Aos quatro, agradeço o acolhimento, ajuda e carinho que recebi em muitos momentos onde necessitei de ajuda e decisões mais maduras.

Nunca esquecerei das famílias “republicanas” com quem morei ao longo desses quase cinco anos. Fiz tantas amizades e ganhei muitos irmãos. Dentre muitos, cito alguns mais próximos como: Patrício (mestre) companheiro inseparável de trabalho; Mateus Balthazar (Mateia) sempre ombro amigo e parceiro em todas as enrascadas; Felipe Munno (Chicória) eterno visinho de quarto e um homem com um coração diferenciado; Vitor Oliveira (Vitoso) sempre disposto a ajudar; Fabrício Manhadosco (Erégis) sempre parceiro, fiel e irmão nos momentos bons e ruins; Eder Ferrari (Jofre) o irmão mais velho que nos fala algumas verdade que devemos ouvir de vez em quando e um rival que encontrei nas disputas da vida; Lucas Bonfogo (Lukão) sempre nos colocando pra cima; Guilherme Saia (Kaká) novato mas já entrosado com os irmãos.

Agradeço em especial também todos os jogadores e jogadoras que me ensinaram muito ao longo desses anos de equipe universitária. Dentre tantos jogadores ressalto João Falk Neto (Iti) meu capitão no futebol e Auxiliar no futsal, que me salvou e ajudou em tantas “frias”. Bem como minha família TPM, equipe de futebol feminino a qual possuo o cargo de técnico vitalício.

Gostaria de agradecer a todos aqueles que de alguma maneira me ensinaram ou contribuíram na minha carreira acadêmica e na minha formação profissional. Aqueles que me escapam da memória no momento, mas que de alguma maneira influenciaram no resultado desse trabalho, meu sincero agradecimento.

RESUMO

Em quase um século e meio de história, os sistemas táticos do futebol passaram de extremamente ofensivos e sem muitas idealizações táticas, para um esporte repleto de reflexões e de ações estratégicas para se chegar ao gol adversário. O futsal, com quase oitenta anos, não fica para trás. Na década de 90, os jogadores ganharam versatilidade e uma boa capacidade física, transformando os sistemas táticos utilizados anteriormente. Assim, a preparação física, somada ao desenvolvimento científico e tecnológico, é um fator determinante para tal evolução do sistema de jogo. A pesquisa descritiva-exploratória foi desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica que contou com grandes obras sobre o assunto e sítios virtuais que o abordam. A partir de uma análise qualitativa dos dados, pode-se dizer que a dialética entre as constantes mudanças nas ações ofensivas e defensivas, desencadeou a evolução dos sistemas de jogo. De modo que nunca haverá um sistema estabilizado, ou seja, dificilmente um sistema perdurará mais de duas décadas sem sofrer transformações ou ser superado por um novo. O estudo também nos mostra que, na progressão do futebol mundial, a disputa pelo setor de meio campo é cada vez maior, forçando seus treinadores a preencherem esse espaço com mais jogadores. Nesse prisma, acreditamos que a tendência será o recuo dos atacantes para ajudar na “batalha” pelo centro, mas que, ao mesmo tempo, terão condições físicas de atacarem e passarão a contar com mais apoio ofensivo. E, assim como aconteceu no futsal, a linha de ataque será virtual, já que estará vinculada ao meio. Isto é, o 4-4-2 poderá ser representado pelo 4-6-0; ou o 3-5-2, pelo 3-7-0. Haja em vista que o futsal, no final do século XX, do sistema 2x2 e 3x1, passou a ser jogado no 4x0. Portanto, o melhor sistema será aquele que, de acordo com as exigências e potenciais da época, consiga vencer a defesa, ou estabilizar o ataque vigente.

Palavras-chave: Educação Física, Sistema de Jogo, Futebol, Futsal

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 2 |
| 1.1 Apresentação do Problema..... | 2 |
| 1.2 Justificativa..... | 3 |
| 1.3 Objetivos..... | 6 |
| 1.3.1 Geral..... | 6 |
| 1.3.2 Específicos..... | 6 |
| 1.4 Metodologia | 7 |
| 1.4.1 Tipo de pesquisa..... | 7 |
| 1.4.2 Coleta de dados..... | 7 |
| 1.4.3 Interpretação dos dados..... | 7 |
| 2 REVISÃO DE LITERATURA..... | 09 |
| 2.1 Definição de termos..... | 09 |
| 2.1.1 Tática..... | 09 |
| 2.1.2 Sistema de jogo (Ou sistema tático) | 10 |
| 2.1.3 Esquema tático (Ou Manobras) | 11 |
| 2.1.4 Padrão de jogo (Ou rdízios) | 12 |
| 2.2 Aspectos da História do Futebol..... | 13 |
| 2.2.1 Aspectos da História do Futebol no Brasil..... | 18 |
| 2.3 A Evolução dos Sistemas de Jogo do Futebol..... | 21 |
| 2.3.1 A evolução do campo..... | 22 |
| 2.3.2 Cronologia dos sistemas de jogo do futebol..... | 25 |
| 2.3.2.1 O “original” 1-1-9 (ou 1-10) | 25 |
| 2.3.2.2 O 1-2-7..... | 26 |
| 2.3.2.3 O 2-2-6 Escocês | 27 |
| 2.3.2.4 O clássico ou piramidal 2-3-5..... | 27 |
| 2.3.2.5 O impedimento..... | 29 |
| 2.3.2.6 WM (ou 3-2-2-3) | 30 |

| | |
|--|-----------|
| 2.3.2.7 O 4-2-4..... | 33 |
| 2.3.2.8 O 4-3-3..... | 35 |
| 2.3.2.9 O 4-4-2..... | 39 |
| 2.3.2.10 O 3-5-2..... | 44 |
| 2.3.2.11 Variações na Evolução..... | 47 |
| 2.4 Aspectos da História do Futsal..... | 50 |
| 2.5 A Evolução dos Sistemas do Futsal..... | 54 |
| 2.5.1 Os sistemas de jogo do futsal..... | 55 |
| 2.5.1.1 O 2x2 ou caixote..... | 55 |
| 2.5.1.2 O 2x1x1..... | 55 |
| 2.5.1.3 O 3x1 ou 1x3..... | 56 |
| 2.5.1.4 O 4x0 ou 4 em linha..... | 57 |
| 2.5.1.5 1x2x2 ou 1x4 (casinha) | 58 |
| 2.5.1.6 O 1x2x1 | 60 |
| 3. CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES..... | 61 |
| 3.1 A Lei do Impedimento..... | 62 |
| 3.2 Do Ofensivo para o Defensivo..... | 63 |
| 3.3 Preparação Física..... | 66 |
| 3.4 A Ciência Esportiva..... | 68 |
| 3.5 Os Sistemas Campeões | 69 |
| 3.6 Tendências Futuras dos Sistemas Táticos | 72 |
| 4. REFERÊNCIAS..... | 76 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1: Campo 1863..... | 22 |
| Figura 2: Campo até 1891..... | 23 |
| Figura 3: Campo de 1891 até 1902..... | 24 |
| Figura 4: Campo de 1902 até hoje..... | 24 |
| Figura 5: 1-1-9..... | 26 |
| Figura 6: 1-1-8..... | 26 |
| Figura 7: 1-2-7..... | 27 |
| Figura 8: 2-2-6..... | 27 |
| Figura 9: 2-3-5..... | 28 |
| Figura 10: 3-2-2-3 WM..... | 32 |
| Figura 11: Diagonal..... | 32 |
| Figura 12: 4-2-4..... | 35 |
| Figura 13: 4-3-3 Clássico..... | 36 |
| Figura 14: 4-3-3 Carrossel holandês..... | 36 |
| Figura 15: 4-3-3 Moderno..... | 38 |
| Figura 16: 4-4-2 Clássico..... | 41 |
| Figura 17: 4-4-2 Moderno..... | 41 |
| Figura 18: 4-4-2 Losango..... | 43 |
| Figura 19: 4-4-2 Triângulo..... | 45 |
| Figura 20: 3-5-2 com dois volantes..... | 45 |
| Figura 21: 3-5-2 Dinamarca 1984..... | 45 |
| Figura 22: 3-4-3..... | 48 |

| | |
|--|-----------|
| Figura 23: 4-5-1..... | 48 |
| Figura 24: 3-6-1..... | 49 |
| Figura 25: 2x2 “caixote” | 56 |
| Figura 26: 2x1x1..... | 56 |
| Figura 27: 3x1..... | 57 |
| Figura 28: 4x0..... | 57 |
| Figura 29: 1x2x2 ou 1x4 “casinha” | 60 |
| Figura 30: 1x2x1..... | 60 |
| Figura 31: As características dos sistemas na evolução tática do futebol..... | 64 |
| Figura 32: Evolução dos sistemas táticos do futsal..... | 65 |
| Figura33: Os sistemas utilizados pelos campeões na copa do mundo..... | 69 |

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação do Problema

Futebol. Como defini-lo? Há quem diga que é um esporte. Alguns dizem que é apenas mais um jogo, outros, o ópio do povo e os mais saudosistas como fenômeno ou arte. Enfim, essa é uma pergunta que, por possuir mais de uma resposta, nos remete a uma reflexão na qual seríamos ignorantes se fôssemos capazes de respondê-la em apenas algumas linhas.

Esse substantivo, de aparente definição simples, ganha complexidade a partir do momento em que levamos em consideração a ótica que cada amante desse desporto possui. Dessa forma, seria egoísmo nosso reduzi-lo a poucos adjetivos, ou emoções, que pode nos proporcionar.

E é levando em consideração essa cautela, que ao falarmos sobre tal assunto não podemos ter a pretensão de esgotá-lo, mas sim, vir a somar e contribuir com mais conhecimento sobre o tema. E é de extrema importância ressaltar também que pelo fato de se

tratar de um assunto amplo, de forma que possui algumas “verdades” no campo do *senso comum* e outras baseadas no *conhecimento científico*, se fará uso da *hermenêutica* (vide metodologia) como ferramenta para compreensão da pesquisa.

Contudo, essa complexidade de falar de um assunto que inicialmente aparenta ser tão simples; da capacidade que o futebol tem de explicar alguns fenômenos pela linguagem científica, mas ao mesmo tempo, precisar recorrer ao senso comum para esclarecer outras, e vice-versa; de perceber que quanto mais se tem conhecimento sobre essa arte, maior é nossa pequenês sobre o assunto; da disposição que o futebol tem em nos tirar de nossa realidade, e levar-nos a uma outra. E que nos desperta o interesse em buscar reflexões e pesquisar sobre tal assunto.

O futebol é uma arte, uma ciência, um esporte, um fenômeno. No entanto, para não relativizarmos tanto, se faz necessário dizer que cada profissional envolvido nessa área, ou cada amante, o definirá da forma com que o futebol o influencia em seu cotidiano. Ou seja, o conceito desse está diretamente ligada à forma com que o sujeito está inserido na sociedade ou no âmbito futebolístico. E como há uma constante renovação na quantidade e qualidade de informações, a definição, ou ótica sobre o futebol, também sofrerá mudanças.

Desse modo, é essa constante renovação de idéias sobre o futebol que nos deixa mais curiosos e, ao mesmo tempo, nos traz mais dúvidas sobre tal. E estas geram novas indagações e infinitos problemas de pesquisas, de forma que, ao nos aprofundarmos sobre o tema, encontramos uma gama de assuntos de extrema relevância nos quais descobriremos algumas respostas pertinentes para contribuirmos no desenvolvimento do futebol.

Entretanto, nessa pesquisa estaremos focando a atenção para um assunto que desperta grande curiosidade no âmbito futebolístico, ao passo que se mantém, de certa forma, misterioso pela escassez de discussões e aprofundamento sobre tal tema: *a tática no futebol*.

1.2 Justificativa

Sempre gostei e pratiquei bastante esporte em toda minha infância, mas nunca nenhum me chamou tanto a atenção quanto o futebol. No segundo grau, já estava decidido que faria Educação Física no ensino superior, e que esta seria minha área profissional por dois motivos: o primeiro porque sempre amei ensinar independente do assunto, e segundo

porque sempre gostei de atividade física e esportes em geral. Assim, unindo o útil ao agradável optei por essa área.

Além disso, é importante ressaltar que tudo que diz respeito à estratégia sempre me chamou a atenção. Nas aulas de história, no colégio, sempre despertou meu interesse as táticas que gregos, romanos, Napoleão e outros generais utilizavam nos campos de batalhas para vencer as guerras. Da mesma forma, sempre gostei de assistir a filmes que iam desde “Coração Valente” até gêneros esportivos como “Um Domingo Qualquer” que contam a história de uma equipe ou uma nação que dependiam das estratégias utilizadas por seu treinador, ou general, para alcançar seus objetivos. Enfim, sempre fui fascinado por idéias e táticas inovadoras que, no âmbito esportivo, estão em constante transição e evolução.

Ao ingressar no curso de Educação Física não temos idéia da gama de possibilidades de emprego e trabalho que podemos atuar. Muitos entram nesse curso porque gostam de um esporte, outros porque querem ser professores, mas durante o mesmo descobrem outros campos de trabalho que não cogitavam a existência ou o interesse. Mas não foi o meu caso.

Já no primeiro ano do curso, um sonho, desde a adolescência, de ser técnico de futebol ou futsal, começou a aflorar e ganhar forma. Ainda nessa época, veio a primeira oportunidade de emprego como monitor de um projeto extensão de iniciação no futsal feminino. Este, por sua vez, rendeu certa experiência de forma que no segundo ano do curso, me tornaria técnico da equipe de Futsal feminino e de Futebol masculino da UFSC; e já no terceiro ano, técnico da equipe de futsal masculino também da UFSC.

No entanto, não podemos nos acomodar e pensar que apenas a prática (ou só a teoria) nos capacita para que sejamos um bom profissional, ainda mais se levarmos em conta a oportunidade de estarmos num ambiente acadêmico e universitário, que pode nos fornecer demasiado conhecimento teórico. E, dessa forma, o aprofundamento no estudo do futebol, para aqueles que têm interesse em atuar nesse campo, se torna inevitável, além de nos dar maior respaldo e informações que contribuem à ciência do futebol.

Contudo, essa relação dialética entre *Teoria e Prática*, que a Universidade nos proporciona, pode gerar um “dinamismo superador”, sobre a tensão contraditória entre ambas, nos levando a *Práxis*. Esta, segundo alguns pensadores, é uma atividade humana que pode produzir objetos ou transformações sociais na realidade. E é a partir do momento em que nossa realidade é gradativamente transformada, e com a constante construção de

conhecimento, no mundo acadêmico, tanto prático quanto teórico, que podemos amadurecer alguns conhecimentos já explorados; e, por que não, ousarmos, ao produzir novas hipóteses e problemas para pesquisas gerados a partir da experiência de práxis durante os quatro anos de universidade.

Esses aprofundamentos teóricos, somados à minha pequena carga prática no âmbito futebolístico, o meu interesse sobre a tática esportiva e o sonho de ser técnico de futebol, foram subsídios suficientes para a inspiração na formulação de alguns problemas de pesquisa e hipóteses sobre os sistemas de jogo do futebol e futsal.

Entretanto, vale ressaltar que trabalhos de pesquisas como esses são de extrema importância à produção científica do futebol, visto que há carência, em nossa literatura, de obras que abordam temas como a tática no futebol. Além disso, é nosso dever enquanto profissionais de Educação Física atuantes nessa área, escrevermos sobre o esporte mais popular do país, no qual tanto se pratica, mas pouco se produz na esfera do conhecimento, muitas vezes produzindo menos textos do que países nos quais o futebol não alcança tamanha popularidade.

Se analisarmos brevemente a evolução dos sistemas de jogos do futebol e futsal, encontraremos algumas semelhanças. Em ambos os casos, as preocupações dos treinadores quando as modalidades foram criadas, era com o setor ofensivo. No entanto, com algumas mudanças nas regras, com a melhora da condição física dos atletas entre outros fatores, as comissões técnicas passaram a se preocupar mais com os setores defensivos.

Ou seja, no futebol, o primeiro sistema utilizado (já com a participação do goleiro) foi o 1-1-8, enquanto que hoje os mais utilizados são o 4-4-2 e o 3-5-2. E no futsal não é diferente, o sistema de jogo mais utilizado no início era o 2 x 2 ou “caixote”, apelidado pelo desenho que jogadores formavam na quadra, enquanto que as equipes de alto nível utilizam, atualmente, o 3 x 1 e o 4 x 0.

Contudo, é possível encontrarmos outras semelhanças táticas. Dentre elas a versatilidade que, guardadas as devidas proporções, atletas de futebol e futsal alcançaram. No futebol, os jogadores tinham capacidade físico-técnica de atuar apenas em sua posição de origem dentro do sistema, enquanto hoje já podemos notar zagueiros atacando, laterais defendendo e atacando como pontas e volantes surpreendendo as defesas adversárias no setor ofensivo. Ao passo que, no futsal, antes tínhamos as posições de origem como fixos, alas,

pivôs e goleiros utilizando apenas as mãos e, no entanto, pelo dinamismo atingido pelo futsal atual, os jogadores realizam verdadeiros rodízios nas posições de linha e o goleiro passou a utilizar bastante os pés, devido as alterações na regra.

Enfim, observações como essas serviram de embasamento para que fosse pensada, e formulada, uma suposição sobre as possíveis progressões e evoluções da tática e dos sistemas de jogo no futebol e futsal.

Dessa maneira, essa pesquisa visa analisar como se deu a evolução dos *sistemas de jogo* ao longo da história do futebol e futsal, e investigar os possíveis caminhos por onde esse progresso poderá se enveredar. Em outras palavras, procurar fazer um levantamento sobre o desenvolvimento dos sistemas táticos utilizados (passado), observar e analisar os atuais (presente), para sondarmos a tentativa de elaborar e, prever, os prováveis sistemas que serão empregados no âmbito futebolístico nas próximas décadas (futuro).

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Analisar a evolução dos sistemas táticos do futebol e futsal.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Discernir influências na evolução tática entre os desportos;
- Compreender a evolução tática de ambos;
- Identificar as tendências dessa evolução.

1.4 Metodologia

1.4.1 – Tipo de pesquisa

Esse é um estudo descritivo-exploratório que visou aliciar informações, por meio de uma pesquisa bibliográfica, para compreender a evolução dos sistemas táticos do futebol e futsal.

De acordo com Gil (1996, p.45), a pesquisa exploratória “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Para isso, foi feito um levantamento bibliográfico para uma maior aproximação do problema de pesquisa.

E, sobre as pesquisas descritivas, Gil (1996, p.46) conta que “acabam servindo mais para proporcionar uma nova visão do problema, o que se aproxima das pesquisas exploratórias”. Ambos os tipos de pesquisa, geralmente são feitas por pesquisadores interessados na atuação prática, não sendo essa diferente.

Sobre as pesquisas bibliográficas, Gil (1996, p.48) diz que “são desenvolvidas a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros”, como foi o caso dessa. Além disso, por ter sido desenvolvida exclusivamente a partir dessas fontes, essa pesquisa pode ser considerada também, como uma pesquisa bibliográfica.

1.4.2 – Coleta de dados

Para a coleta dos dados foram usados livros, cujos assuntos eram relacionados ao tema da pesquisa e algumas visitas a sítios que tratam sobre a tática do futebol. Houve também a leitura de algumas monografias sobre tópicos de pesquisa, mas que também contribuíram como fontes de inspiração e exemplos em que poderíamos nos espelhar.

A maioria dos livros foram comprados em livrarias há alguns anos e outros foram emprestados, visto que a biblioteca universitária da UFSC esteve fechada em janeiro, período quando a monografia foi desenvolvida. As monografias, assim como algumas informações relevantes, foram encontradas na *internet* em sítios acessados no final de 2006 e início de 2007. É importante lembrar que muitos pensamentos também foram resgatados de conversas e “bate-papos” informais com amigos, familiares e companheiros de profissão, que nos inspiravam com algumas reflexões alheias.

A busca por obras que poderiam auxiliar na pesquisa foi feita, em livrarias, sítios de busca na internet, referências bibliográficas de algumas obras já lidas e recomendações.

Pela pouca disponibilidade de tempo, e difícil aproximação de profissionais renomados, na área tática do futebol nacional, foi escolhida uma pesquisa exclusivamente bibliográfica. Entendemos que entrevistas, ou questionários, não seriam a melhor opção pela maioria dos profissionais estarem de férias durante a coleta de dados. Desse modo, pensávamos que havia o risco de coletarmos alguns resultados irreais, pela baixa população disponível e pela única via aplicável ter sido o *e-mail*.

1.4.3 – Interpretação dos dados:

Para a interpretação dos dados obtidos nessa pesquisa qualitativa, estaremos utilizando uma ferramenta que nos proporciona, esclarece e nos facilita o entendimento das informações: a hermenêutica.

Este é um método interpretativo que se contrapõe aos procedimentos empírico-formais e de explicação causal, advindos das ciências naturais. Ou seja, é uma arte ou um “modo de filosofar” que tematiza a compreensão das experiências dos homens frente a objetos desde já interpretados, extraindo sentidos explícitos ou ocultos de textos religiosos, jurídicos ou literários. Em outras palavras, *Hermenêutica é a arte de compreender, derivada do nosso modo de estar no mundo* (HERMANN, 2002, P.28).

Esse método provém de antigas tradições humanísticas nas quais buscavam interpretar a bíblia, a jurisprudência ou textos filosóficos. Hermenêutica é uma palavra associada a Hermes, o mensageiro dos deuses gregos, que tem capacidade de “se movimentar” para grandes distâncias levando as mensagens e trazendo consigo a possibilidade de compreensão. Segundo Eco (apud HERMANN, 2002, p.22) reaparece, no século II, a tradição hermética e a busca do significado oculto, das verdades desconhecidas, e, por essa tradição, a verdade passa a ser identificada com o que não está explícito, isso é, com o que não foi dito, ou o que é dito de forma obscura, devendo ser compreendido além do texto.

A palavra hermenêutica, segundo Palmer (apud HERMANN, 2002), vem do verbo grego *hermeneuein*, cuja tradução é “interpretar”, ou do substantivo *hermeneia* que significa

“interpretação” (p.22). Assim, essa ferramenta, ao invés de levar-nos a uma verdade absoluta, ou nos fornecer apenas um caminho ao conhecimento, busca abrir novas possibilidades de reflexão nos enveredando à busca de novos sentidos através da interpretação.

No entanto, apesar da Educação Física atuar na área da saúde e educação, essa ferramenta é pouco abordada. Assim, poucos profissionais da área possuem amplo conhecimento sobre o assunto, sendo escassos aqueles que a utilizam em seu cotidiano. Há professores ou treinadores de futebol, como o português José Mourinho (técnico do Chelsea – clube inglês), que desenvolvem o tema com boa propriedade na área de atuação.

Assim, optamos em utilizar esse recurso que, apesar da falta de experiência, o encaramos como desafio e uma forma de aprender mais sobre o mesmo. Ao passo que acreditamos que a hermenêutica veio a valorizar ainda mais essa pesquisa.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A revisão foi dividida em cinco partes sendo a primeira a definição de alguns termos como tática, sistema de jogo, esquema tático e padrão de jogo. A segunda conta alguns aspectos sobre a história do futebol mundial e no Brasil, sendo a terceira a evolução dos sistemas de jogo do futebol. A quarta conta alguns aspectos da história do futsal no mundo e no Brasil, sendo seguido pela quinta e última parte que fala sobre a evolução tática do futsal.

2.1 Definição De Termos

Nessa pesquisa abordaremos temas com grande amplitude conceitual. Dessa forma, se faz necessário elucidarmos alguns termos que estaremos utilizando, ao longo do trabalho, a fim de que o leitor tenha uma melhor compreensão sobre o assunto.

2.1.1 Tática

A origem da palavra tática vem do grego *taktiké* cujo significado é a arte de manobrar tropas. E para Car Vow Clausewitz, um general alemão, citado por Frisselli & Mantovani (1999, p.157), as “táticas militares teriam como objetivo conseguir a superioridade numérica

em um ponto vital e em um momento preciso”. Com isso, podemos notar a existência da tática para os grandes líderes das antigas batalhas, e que, apesar de serem definições referindo-se à guerra, podem ser aplicadas ao futebol.

Entretanto, Melo (2001,p.38) define tática como sendo “a arte de combinar a técnica individual de cada jogador, em suas diferentes linhas e posições, de modo a obter o máximo de rendimento do conjunto”.

Para Drubsky (2003,p.55), tática é “tudo que se faz com o objetivo de vencer o jogo”, definição breve mas bem resumida e objetiva, assim como Weineck (apud Drubsky, 2003, p.55), diz que “tática é a capacidade de desempenho individual ou em time de oposição a um adversário”.

Seguindo essa linha de raciocínio, Mutti (2003, p.177) define tática como:

“uma forma racional e planejada de aplicar um sistema e seus vários esquemas, a fim de combinar o de ataque e defesa, tirando proveito de todas as circunstâncias favoráveis da partida, com o objetivo de dominar o adversário e conseguir a vitória”.

Também próximo a definição de Mutti, Borsari (1989, p.48) diz que “tática é uma utilização prática e produtiva dos elementos qualificados para as funções defensiva e ofensiva”.

Contudo, se levarmos em consideração os conceitos citados acima, pode-se afirmar, portanto, que tática é o modo com o qual o indivíduo, ou equipe, chega aos seus objetivos, isto é, o método, ou recursos, empregados a fim de atingir uma meta.

2.1.2 Sistema de Jogo (Ou Sistema Tático)

O sistema de jogo passou a ser utilizado na nomenclatura do futebol a partir do momento em que se fez necessário uma reorganização dos atletas, quanto a sua disposição dentro de campo. Haja vista que, nos primórdios do futebol, não havia o goleiro ou a preocupação quanto ao posicionamento dos jogadores durante a partida. De maneira que as equipes se focavam, no final do século XIX, apenas no setor ofensivo e na demonstração das habilidades individuais dos jogadores, os dribladores (GIULIANOTTI, 2002).

Com algumas mudanças nas regras, ao longo da progressão do futebol e futsal no mundo, passou-se a dar uma maior importância à “equipe”, aumentando a consciência coletiva. Assim, o sistema de jogo passou a ser bastante usado na linguagem futebolística, e é definido por Melo (2001,p.11) como “a forma de distribuição dos jogadores no terreno de jogo, de forma que possa ocupar de maneira racional todos os setores do campo”.

Não muito diferente desse conceito, Paoli (2000,p.39) diz que sistema de jogo é “a posição de uma equipe dentro de campo, e a distribuição dos jogadores no campo de jogo, de forma que possa ocupar de maneira racional todos os setores do campo, sendo que tal distribuição dos jogadores em campo acontece em três grupos: linha defensiva, linha média e linha ofensiva”.

Para Apolo (2004,p.58) sistema é “posicionar os jogadores em quadra de maneira que se consiga anular as manobras de ataque do adversário e ludibriar, com manobras pré-estabelecidas, também a defesa inimiga. Uma explicação que vai um pouco além das outras, já que fala também sobre manobras para superar o adversário. E, na mesma linha de raciocínio, Mutti (2003,p.180) explica que sistema é “a colocação dos jogadores em quadra com o objetivo de anular as manobras ofensivas da equipe adversária (defender) e confundir seus dispositivos defensivos para marcar o gol (atacar)”.

Enquanto que Drubscky (2003,p.93) conta que sistema tático (uma outra forma de chamar o *sistema de jogo* sem perder o significado, isto é, sinônimo), “é o conjunto das táticas que determinam as ações e características de uma equipe em campo” e continua, dizendo que “idéia de jogo, desenho tático, esquematizações, variações, posturas, sistemas de marcação, detalhes táticos e estilo de jogo” são fatores que, juntos, compõe o sistema tático.

Desse modo, podemos nos arriscar a fazer uma relação entre a *tática* e o *sistema de jogo* ou sistema tático, dizendo que a primeira é um dos elementos mais importantes do segundo. Assim, elucidamos mais essa relação para que não se confunda os dois conceitos, como ocorre com frequência na linguagem corriqueira do futebol, já que um é parte do outro.

2.1.3 Esquema Tático (Ou Manobras)

Muitos tendem a confundir o esquema tático com o sistema de jogo. Não é incomum encontrarmos em jornais ou ouvirmos alguns profissionais esportivos dizerem que o esquema tático de uma equipe é 4-4-2 ou 3-5-2. No entanto, como já mostramos anteriormente, essas denominações numéricas são adotadas para nomear o sistema tático. Portanto, apesar de muitas vezes compreendermos, empregar essa numeração, no que diz respeito ao esquema tático, é um erro nominal. Sendo assim, seria prudente dizer que o sistema tático da equipe é o 4-4-2, ou 3-5-2.

Drubsky (2003,p.93) é muito claro quando diz que o esquema tático “é um elemento importante do sistema tático”, transparecendo a relação entre ambos. E vai além quando define o *esquema* como sendo

“uma movimentação de campo previamente determinada e treinada entre alguns jogadores e setores da equipe. (...) são jogadas ensaiadas que fazem parte de um contexto de táticas maior, denominado sistema”.

Já Santana (2004,p.64) é mais sucinto e escreve que “manobras são movimentações que a equipe adota para atacar e para defender com a bola em jogo e com a bola parada”. Lembrando que alguns autores optam em dizer *manobras* assim como outros preferem *esquema*, mas vale reforçar que ambos têm o mesmo valor na nomenclatura do futebol. Bem como Apolo (2004,p.59), por exemplo, que diz que

“manobras são todas ações de uma equipe com o intuito de consignar tentos (passes, infrações, deslocamentos) ou defender-se. Assim, temos as manobras ofensivas e defensivas, individuais e coletivas, com e sem a bola”.

Ou seja, “esquema é definido como a síntese da tática (...) ou jogadas de ataque e defesa criadas e aplicadas durante o jogo” (MUTTI, 2003, p.187). Dessa maneira, podemos dizer que o esquema tático, ou manobra tática, é um dos elementos do sistema tático que utiliza a tática, como ferramenta, para executar ações, defensivas ou ofensivas, que visam à vitória. Assim, podemos esclarecer melhor a relação dos três conceitos até então.

2.1.4 Padrão de Jogo (Ou Rodízios)

Com uma tênue diferença para o esquema tático, o *padrão de jogo* chega, em muitas vezes, a adquirir definições muito semelhantes, para não dizer a mesma, em algumas literaturas. Há uma grande discussão literária que, alguns autores, chegam, às vezes, a não distinguir os dois conceitos e optam por englobar o padrão dentro dos esquemas de jogo.

Contudo, por ser mais empregado pelos treinadores das quadras, do que dos gramados, é mais fácil encontrar definições de padrão de jogo em livros que abordam o futsal. Como, por exemplo, Santana (2004, p.64) que o classifica como “movimentações repetitivas que a equipe faz com o intuito de progredir no espaço de jogo, manter a posse de bola e construir a finalização”.

Há, também, em outro livro que se refere ao futsal, outra definição que diz que

“Padrão de jogo, em futsal, significa movimentação, deslocamento, troca de posições de forma planejada, organizada e padronizada, que tem como objetivo confundir a marcação adversária, provocando erros em seu posicionamento, para a infiltração da bola na defesa contrária e, em consequência, o chute a gol”.

Esta última enfatiza as movimentações, mostrando que há uma seqüência de deslocamentos treinados. E, pelo dinamismo que o futsal e o futebol possuem, atualmente, essas movimentações são muitas vezes apelidadas de *rodízios*. Assim, de acordo com Saad & Costa (2001, p.37), “os rodízios, ou padrões de jogos, são movimentações repetitivas que a equipe executa com a posse de bola dentro de cada sistema de jogo”.

A repetição e automatização do movimento é que fazem com que esses fiquem, de certa forma, mais mecânicos e padronizados. Daí o nome dado a esse conceito. E podemos notar também que todas as definições explicitam bem que esse é utilizado sempre sobre uma ótica ofensiva, e não defensiva, se diferenciando um pouco dos esquemas de jogo. Por isso é que podemos dizer que os esquemas podem ter origem nos padrões, mas não que esses sejam o mesmo conceito, isto é, sinônimos.

É interessante ressaltar que o padrão de jogo ainda não é bem difundido no futebol. Apesar de muitas equipes o utilizarem, o seu emprego no vocabulário dos gramados ainda não tem muita força. Portanto, é relevante dizer que, pelo dinamismo e maior ocupação dos espaços no futebol atual, é importante que os treinadores se utilizem dessa ferramenta.

2.2 Aspectos da História do Futebol

Quando assistimos a uma partida de futebol ou um jogo de Copa do Mundo, que o mundo inteiro pára para torcer, ficamos tão fascinados e emocionados que a curiosidade sobre o “nascimento” desse esporte fica em segundo plano. No entanto, não podemos esquecer que, assim como nosso dia-a-dia ou nosso trabalho, o futebol não pode ser visto como um objeto empírico e sim como um elemento social-histórico. Ou seja, se pretendemos entender mais sobre o futebol, é prudente que resgatemos um pouco de sua história e nos indaguemos: onde e quando surgiu o futebol?

Para responder estas perguntas, muitos autores se diferenciam quanto à explicação. Há um consenso entre eles de que o esporte mais famoso do mundo recebeu o nome “Futebol” na segunda metade do século XIX quando foi emancipado do rugby. E recebeu esse nome oriundo do inglês “foot” (pé) e “ball” (bola) fazendo jus ao nome, já que é um dos poucos esportes praticado com os pés. Porém, pesquisas revelam que esportes semelhantes ao futebol eram praticados há mais de 30 séculos.

Frisselli & Mantovani (1999, p.3) conta que “os jogos com bola, especialmente os praticados com os pés, existem desde o início do homem no planeta (...) e que era prática comum entre os primeiros homens a diversão chutando frutas ou mesmo crânios humanos”.

Assim, podemos dizer que esse esporte é o “parente” mais velho na árvore genealógica do futebol e que, apesar da escassez de embasamento científico, já mostra a fascinação do pelo objeto esférico.

Oliveira (apud FRISSELLI & MANTOVANI, 1999, p.3) comenta sobre registros em túmulos egípcios e babilônicos de esportes com bola, ressaltando que essa fazia menção ao sol para os egípcios e a lua aos babilônicos, pela forma circular.

Entretanto, com maior respaldo científico, há relatos que apontam um jogo similar ao futebol chamado “*tsu-chu*”, que significa “golpear com os pés”, praticado pelos chineses em 2600 a.C. Ainda no oriente, e na mesma época, era praticado, pela realeza do Japão, um esporte chamado “*kemari*” cujo objetivo era não deixar a bola cair no chão ao ser passado de pé em pé, mostrando controle e habilidade ao tocar na bola.

Um pouco mais tarde, na Grécia antiga, por volta de 700 a.C., foi criado um jogo similar ao futebol chamado “epyskiros”. Este era jogado com 15 jogadores de cada lado e consistia em conduzir uma bexiga cheia de ar com os pés. Na mesma época, os gregos também criaram o “*harpaston*”, um jogo ainda mais próximo do nosso futebol atual. Jogado com uma bola de couro e crina animal, tinha como objetivo fazer a bola transpor o espaço entre dois bastões ligados por um fio, que lembram o gol.

Entretanto, ao conquistarem a Grécia, os romanos ostentaram o jogo, mas fizeram uma pequena alteração no nome para “*harpastun*”. Este era realizado em campos retangulares e áreas de demarcações que, já nessa época, segregavam a equipe em linha de ataque e defesa. Assim, em consequência da expansão romana na Europa, o jogo foi difundido a outros povos como gauleses e francos.

Por meio de batalhas e conquistas, o futebol, sofrendo algumas metamorfoses, foi sendo propagado. No século XI, após a batalha de Hastings, entre Normandia e Inglaterra, o povo inglês conhece o jogo. Chamado de “*Hurling over country*”, o esporte era disputado entre povos com 500 homens de cada lado e o objetivo era levar a bola à zona central rival. Porém, pela grande quantidade de jogadores, o jogo era semelhante a uma guerra, já que partidas eram extremamente violentas e barulhentas, chegando a ser proibida a prática pela realeza (FRISSELLI & MANTOVANI, 1999).

No entanto, o esporte foi tomando gosto popular e reis, temendo o êxodo militar, liberam a prática. Desse modo, o futebol era muitas vezes praticado no intervalo das batalhas, mas as constantes contusões e desfalques, mediante a violência do esporte, levam novamente a proibição do mesmo, que foi se modificando pela rudez de sua prática e pelos transtornos que causavam às cidades.

Assim, surge, na Itália em meados do século XIV, o “*giuoco di calcio*” praticado anualmente pelos nobres de Florença e Siena. E em 17 de fevereiro de 1529, o futebol consolida a sua primeira fase da evolução.

Numa partida, em Florença, dois grupos, com 27 jogadores para cada lado, decidem resolver algumas divergências políticas e sociais. No entanto, apesar do aspecto de guerra, as “equipes” resolvem trocar as armas por bolas, não havendo registros de mortes. Mas o mais fascinante é o fato de que, mediante a necessidade de vitória, ambos elaboram ações táticas. Num campo com 137x50 metros e dois postes de cada lado figurando as goleiras, as equipes

fazem linhas defensivas de quatro jogadores a frente e três mais recuados (talvez os primeiros líberos da história do futebol), cinco, denominados “sacadores”, nas funções centrais e três grupos de cinco jogadores nas ações ofensivas (CABRAL, 1978).

Contudo, apesar da violência ter sido um pouco mais atenuada, em meados do século XIX, o *giuoco di calcio* passa por algumas alterações nas regras a fim de amenizar a agressividade. Assim, estabelece-se posições definidas aos jogadores e são colocados 10 árbitros que proíbem contatos mais veementes.

Contemporaneamente na França, o futebol era chamado de “*soule*” para a nobreza, ou “*choule*” de maneira popular. Evoluído a partir do “*haspartun*” romano, o objetivo do jogo era passar a bola entre os dois bastões fixados ao solo. E para suavizar a violência do esporte, os franceses se espelharam nas novas regras do *di calcio* italiano.

Todavia, foi na Inglaterra que o futebol atual começou a ser lapidado. Entre proibições e incentivos, o esporte teve que ser moldado diante da barbárie em que era praticado. Passou a ser jogado num campo de 100x30 metros, com duas traves de 4 metros de altura e é rebatizado de “*Hurling over goals*” Dessa forma, os jogos foram evoluindo e Carlos II, que antes houvera proibido, numa ação política e ideológica, revoga seu próprio decreto a fim de ganhar apoio popular, talvez surgindo aí o primeiro “cartola” do futebol (FRISSELLI & MANTOVANI, 1999).

Com tantas mudanças, o futebol foi se tornando mais atrativo e ganhando cada vez mais apaixonados. Desse modo, houve grande crescimento de sua prática nas cidades e principalmente nas universidades. Thomas Arnold, encarregado de reformular o ensino superior inglês, chega a implementar, no currículo universitário, esse esporte. E em 1843, segundo alguns historiadores, estudantes de medicina se juntam e criam o “Guy’s Hospital Football Club.

Porém o crescimento do “football”, no âmbito universitário, resulta em algumas colisões com o “rugby”, já que ambos os esportes eram praticados nos mesmos campos e as regras do primeiro estavam vinculadas ao segundo. E surgem algumas divergências quanto à forma de jogo do futebol, na qual alguns eram a favor do uso das mãos, como ocorre no rugby. Assim, surge a necessidade de segregar os dois esportes e “emancipar” o futebol.

Com a separação, em 1846, as primeiras regras do futebol começam a ser ensaiadas. E com a influência do “*Sheffield*”, primeiro clube da história, segundo Frisselli & Mantovani

(1999, p.6), outros clubes começaram a surgir, resultando numa necessidade de maior organização. Para isso, em 26 de outubro de 1863, os ingleses fundam a “*The Football Assossation*”, em decorrência de uma reunião na “*Taverna Fremason*” e elaboram um código de leis para o esporte, que sofreu diversas modificações até chegar aos dezessete itens que formam as regras do jogo hoje.

A partir daí tudo foi ficando mais fácil e o futebol foi crescendo a passos largos. Em 1868, surge a figura do árbitro que, dez anos mais tarde, passa a usar apitos e acompanha a introdução do travessão superior, fechando “os três paus”. Em 1872, ocorre o primeiro jogo internacional oficial entre Inglaterra e Escócia, partida que termina num empate sem gols. Surpreendendo o favorito time inglês, que vê seu adversário recuar dois homens de ataque para a defesa, a Escócia ao invés de jogar no tradicional 1-1-1-8 da época, utiliza o sistema 1-4-6, que passa a ganhar alguns adeptos após o jogo.

Em 1882, foi fundada a “*International Board*”, órgão criado a fim de definir ou modificar as regras e que, futuramente, contribuiu como assessora da “*FIFA*”. Esta, por sua vez, surge em 1904 de uma reunião entre as federações de França, Espanha, Bélgica, Dinamarca, Suíça, Holanda e Suécia. E, mais tarde, em 1913, ocorre a fusão da “*Internation Football Association Board*” (IFAB) com a “*Federation Internationale de Football Association*” (FIFA), permanecendo, até hoje, com o nome da segunda.

O grande objetivo desse, que se tornaria um dos mais bem sucedidos órgãos do mundo, era realizar um torneio no qual participassem todas as federações filiadas. No entanto, isso ocorreu somente em 1930, na Copa do Mundo no Uruguai, onde o mesmo se sagrou campeão. A partir daí, esse torneio, junto à Olimpíada (onde o futebol teve sua primeira participação em 1908), se tornou o maior evento esportivo do planeta, e hoje comemora a realização de sua décima oitava edição.

Depois da segunda metade do século XIX, o futebol se difundiu rapidamente. Extrapolando as barreiras continentais, o esporte alcançou as Américas, a África, Ásia e, mais tarde, a Oceania. De forma que em 1916, foi criada a Confederação Sul-Americana de Futebol; em 1954, as Confederações da Europa (UEFA) e Ásia (AFC); em 1957, a Confederação da África (CAF); em 1961, a Confederação das Américas Central e do Norte (CONCACAF); e em 1966, a Confederação da Oceania e Pacífico Sul (OFC).

Entretanto, muitos são os países que discutem sobre a “paternidade” do futebol, como os italianos quando se referem ao “*Giuoco Di Calcio*”. De modo que não há uma verdade absoluta sobre a criação desse esporte. Contudo, não há como negar que o procedimento e o estabelecimento da maneira como jogamos o futebol atual teve origem na Inglaterra. E é sobre a influência das regras, oriundas desse país, que o Brasil passa a conhecer o esporte que, mais tarde, se tornaria febre nacional.

2.2.1 Aspectos da História do Futebol No Brasil

O esporte mais praticado no mundo, atualmente, chegou ao Brasil no final do século XIX. Apesar de alguns registros mostrarem que a primeira partida de futebol no país foi disputada em 1878, considera-se o ano de 1894 como um marco inicial para o esporte. Isso se deve ao fato de que nas décadas de 70 e 80 do mesmo século marinheiros, ingleses e holandeses, organizavam partidas nas horas de folga. Além disso, há documentos que apontam que o futebol foi migrado da Europa por intermédio dos padres Jesuítas (FRISSELLI & MANTOVANI, 1999.) (CABRAL, 1978.) Enfim, há muitas especulações sobre a raiz do futebol no Brasil.

Entretanto, foi por meio de Charles Miller, em 1884, que o esporte começou a ser difundido. Vale ressaltar que dentre tantas hipóteses sobre a vinda do futebol, esta é a mais aceita entre os historiadores do “mundo da bola”.

Miller nasceu em 1874, em São Paulo, da união de um imigrante inglês e uma brasileira. Ao completar dez anos viaja à Inglaterra, onde passa dez anos estudando. Ao completar os estudos, com vinte anos de idade, retorna ao Brasil trazendo em sua bagagem as regras do futebol, duas bolas de couro e uniformes para a organização de jogos.

A primeira partida ocorre no Brás, um bairro paulistano onde Charles Miller residia. E é entre brasileiros e ingleses, empregados da companhia de Gás (London Bank) e de Transportes Ferroviários (São Paulo Railway). Rapidamente o esporte é propagado e passa a

ganhar alguns clubes como o Mackenzie e São Paulo Athletic Club (FRISSELLI & MANTOVANI, 1999).

No entanto, apesar de haver grande discussão sobre datas e fundações, o primeiro clube, voltado especificamente à prática do futebol, é o Sport Clube Rio Grande (Rio Grande, RS), fundado em 24/06/1900 e apelidado carinhosamente de “Vovozão”. Quarenta e oito dias depois, foi fundada a Associação Atlética Ponte Preta (Campinas, SP) e, dois anos mais tarde, o Fluminense Futebol Clube (Rio de Janeiro, RJ) (RAMOS, 2000).

No ano de 1901, surge a primeira entidade: a Liga Paulista de Futebol. Formada pelo S.P.Athletic, S.C.Germânia, S.C.Internacional e Mackenzie, realiza seu primeiro campeonato um ano após sua fundação. Liderado por Charles Miller, o S.P.Athletic foi quem mais se destacou conquistando o tricampeonato de 1902 a 1904.

Assim como Charles Miller está para São Paulo, Oscar Cox está para o Rio. Foi Cox quem trouxe, da Suíça, o futebol à cidade maravilhosa em 1896, e, com muita dificuldade, reúne um pequeno grupo e forma o “Rio Team”. Este, por sua vez, empata em 1x1 sua estréia, que foi disputada no dia 1 de agosto de 1901, em Niterói, e contou com 15 expectadores. No ano seguinte, Cox e Miller organizam os primeiros jogos entre paulistas e cariocas, jogo nos quais não houve vencedor, já que as duas partidas terminam empatadas.

No ano 1906, é realizado o primeiro campeonato carioca que tem o Fluminense como campeão. E, com os campeonatos paulistas e cariocas, o futebol vai ganhando popularidade no país e começa a romper as barreiras interestaduais, inspirando os demais à prática do futebol. Assim, na segunda década do século XX, praticamente todos os estados já promoviam seus próprios campeonatos, organizados pelas suas próprias federações.

Dessa forma, criou-se a necessidade de centralização e homogeneização do futebol no País. Para isso, surge em 1914, a Federação Brasileira de Sports (F.B.S), que, dois anos mais tarde, é substituída pela Confederação Brasileira de Desportos (C.B.D). A F.B.S, em 1914, foi responsável pela escalação da primeira seleção brasileira que contava com o atacante “Friedenreich” (el Tigre) e no mesmo ano, venceu por 2x0 o “Exeter City” (time inglês), no estádio do Fluminense, nas laranjeiras, mas perdeu de 3x0, em Buenos Aires, para a Argentina. No entanto, no mesmo ano, meses mais tarde, o Brasil daria o troco vencendo os “hermanos” por 1x0 e ganhando seu primeiro título: a Copa Roca, dando início à rivalidade.

Entretanto, o que impulsionou de vez a prática do futebol no país foi a primeira conquista brasileira da Copa América em 1919, na qual o Brasil venceu outras seleções como o Chile, o Uruguai e novamente a Argentina. Assim, o futebol entrou num ciclo virtuoso, no qual os títulos estimulavam a sua prática, e, o crescimento dessa, dava melhor qualidade à seleção que, com isso, conseguia um rendimento melhor, e assim por diante. Desse modo, em 1923, a C.B.D organiza o primeiro campeonato brasileiro de seleções estaduais vencido por São Paulo. E, no mesmo ano, com maior respaldo no cenário nacional, o Brasil se filiou à FIFA.

Contudo, a difusão do futebol ganhou grandes proporções e, na década de 30, o esporte que até então era extremamente elitista e racista, ganhou caráter popular e se caracterizou como um esporte de massa, dando espaço a negros e operários. Marcada por transformações, essa década também assistiu à profissionalização do futebol, que enfrentou muita resistência por parte de alguns que defendiam o amadorismo desse esporte (GIULIANOTTI, 2002).

As décadas subseqüentes foram marcadas por vitórias no âmbito futebolístico. Nos anos 40, as constantes vitórias da seleção dão ao futebol o *status* de esporte número um na preferência nacional, o que faz com que, em 1950, o Brasil fosse sede da Copa do Mundo. Nesse torneio não fomos vitoriosos, perdendo a final para o Uruguai. Todavia, ele nos deixou grande infra-estrutura, com a melhoria e a construção de estádios, como o Maracanã, palco da desastrosa final, mas que seria o maior estádio do mundo durante muito tempo.

Além disso, vale ressaltar que, em 1933, surgiu o torneio Rio-São Paulo que contava com a participação de cinco equipes de cada estado. O torneio consolida-se como um dos mais importantes no cenário nacional e, em 1967, expande-se, passando a contar com mais duas equipes mineiras, duas gaúchas e uma paranaense. Rebatizado com o nome de “*Torneio Roberto Gomes Pedrosa*”, nessa nova fase o campeonato é de suma importância para a história do futebol nacional, pois é, a partir dele, que a Confederação Brasileira de Futebol (C.B.F.), entidade que substitui a antiga C.B.D., institui o primeiro Campeonato Brasileiro de Futebol em 1971.

Desde então, os clubes, ano após ano, disputam os campeonatos regionais, a Copa do Brasil, o Rio-São Paulo, o Sul-Minas entre outros. Isso, sem falar em alguns torneios internacionais como a Libertadores da América, que concede a vaga no Mundial Interclubes no Japão, e a antiga Conmebol, atual Sul-americana. Assim, para auxiliar a CBF, os

considerados maiores clubes do cenário nacional criaram, recentemente, o “Clube dos 13”; formado pelos cariocas Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo, pelos paulistas Corinthians, São Paulo, Palmeiras e Santos, os gaúchos Grêmio e Internacional, os mineiros Cruzeiro e Atlético, e, por fim, o Bahia.

Enfim, pela falta de alguns documentos mais antigos, não é possível dizer com certeza qual foi a origem e progressão desse esporte no País. No entanto, o que fizemos aqui foi tentar mostrar alguns passos do futebol, a partir do momento em que o mesmo penetrou em nossa cultura.

Quando Miller ou Cox introduziram o futebol no Brasil, muito possivelmente não previam a dimensão que o esporte atingiria. No entanto, apesar da massificação do futebol no país, é com razão que somos taxados de desorganizados, pois muitos estádios são precários, o calendário é ruim, clubes e federações com dívidas monstruosas, entre tantos outros problemas. Mas deixamos aqui uma reflexão: com tantos problemas enfrentados e com a maneira com que eles são tratados, como, e por que, ainda temos o campeonato mais disputado e possuímos o melhor futebol do mundo?

2.3 A Evolução dos Sistemas de Jogo do Futebol

No século XIX, quando o futebol ainda dava seus primeiros passos, não havia muita preocupação quanto à parte tática ou coletiva. Jogado sem goleiro, e sem a preocupação com o setor defensivo, não havia, também, um posicionamento organizado dos jogadores. Assim, apesar de ser jogado em equipe, o esporte era caracterizado pela demonstração de habilidades individuais como os dribles, chutes e grandes corridas. Todas essas peculiaridades marcavam a primeira das três fases, que Giulianotti (2002) chamou de “Fase Tradicional” do futebol. Esta avança até a segunda década do século XX.

O ano de 1925 dá início à “Fase Moderna”, já que nessa data a FIFA instituiu a nova regra de impedimento. Esta, por sua vez, pode ser considerada como um dos maiores fatores à evolução do futebol. Pois é a partir dela que os técnicos começaram a pensar, ou repensar, sobre uma estrutura tática, dando início aos primeiros sistemas de jogo (GIULIANOTTI, 2002).

A “Fase Pós Moderna” tem início no final dos anos 80, quando estudos científicos começam a ganhar espaço no meio futebolístico, e passa a ser bastante utilizada, pelos clubes, para a melhoria da qualidade de seus treinamentos e, conseqüentemente, torneios. Curiosamente, as atenções se voltaram mais aos sistemas defensivos das equipes, que passaram a se preocupar mais em não perder do que em ganhar as partidas, isto é, o empate é melhor que uma derrota; salvo algumas exceções, é claro.

Dessa forma, o estudo dos sistemas e da parte tática de jogo ganhou demasiada importância. É sabido que, atualmente, a preparação física dos atletas atingiu níveis altíssimos de *força e resistência*, e que houve uma melhoria grande, pelo aumento no número de sessões e repetições de fundamentos, na parte técnica. Isso fez com que as equipes obtivessem um equilíbrio físico-técnico. Assim, os resultados de algumas partidas são muitas vezes decididos na distribuição dos jogadores dentro de campo. Além disso, as repetições e sistematizações de algumas jogadas, durante as sessões de treinamento, permitem aos treinadores a realização de ações táticas que têm definido muitos jogos.

Portanto, seria interessante analisarmos, nesses aproximadamente 150 anos de futebol, como ele passou de um esporte totalmente individual para um completamente dependente das ações coletivas.

2.3.1 A Evolução do Campo

Não há como idealizar uma tática de jogo sem antes saber o espaço disponível para o jogo. Ou seja, para que os treinadores possam elaborar seus sistemas e esquemas de jogo, é imprescindível que o mesmo conheça os limites do campo. Dessa forma, seria interessante, antes do desenvolvimento dos sistemas, mostrarmos como foi a evolução do campo até chegarmos ao desenho que possui hoje.

Para se ter uma idéia, as primeiras partidas de futebol eram jogadas sem as linhas demarcatórias do campo. Não havia, área, nem linha lateral, nem meio campo e muito menos linha de fundo. Só havia quatro bandeirinhas que demarcavam os limites e, no lugar das traves, dois postes de 7 metros por 28cm de espessura (Figura 1).

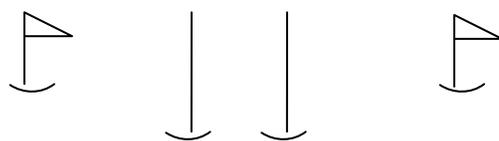


Figura 1: Campo 1863 (Melo 2001, p.12).

Como dito anteriormente, não havia a figura do goleiro, sendo esse chamado de “espectador”. E, para garantir a integridade do mesmo, criou-se uma pequena área. Nesta, apenas esse último homem teria liberdade para tocar na bola com as mãos, já que antes, todos os jogadores podiam fazê-lo e em qualquer lugar do campo. Isso se deve ao fato de que a antiga regra permitia ao futebol, que se assemelhava ao rugby, utilizar também as mãos.

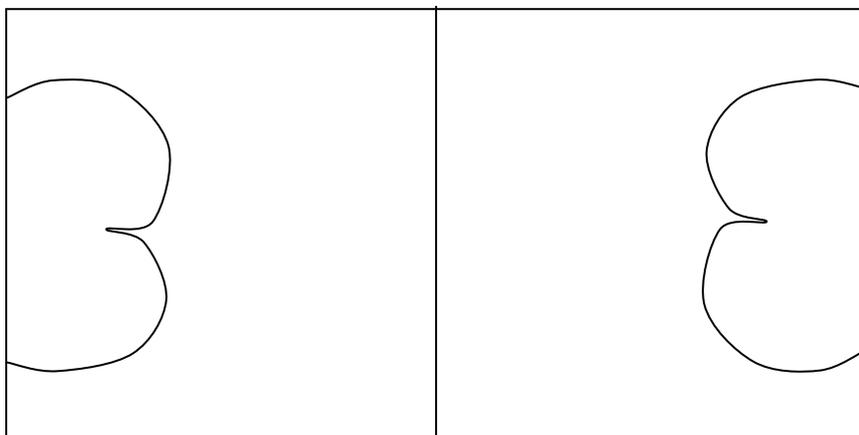


Figura 2: Campo até 1891 (Melo, 2001, p.13)

No entanto, com a introdução dessa área, formada pela junção de dois semi-círculos, apenas o espectador poderia pegar a bola com as mãos. Além disso, houve a introdução das linhas demarcatórias laterais e de meio campo (Figura 2).

Contudo, apesar de algumas mudanças nas regras a fim de diminuir a barbárie no futebol, ainda havia certa violência próximo às metas. Para proteger a integridade física dos

“jogadores de linha”, a *International Board* optou por incluir uma linha paralela e a 12 jardas da linha de fundo. A inclusão dessa linha teria o objetivo de orientar o árbitro às faltas cometidas pelos defensores que, se as realizassem nesta faixa do campo, seriam punidos com o tiro livre direto (pênalti), sendo cobrado sobre a nova linha (Figura 3).

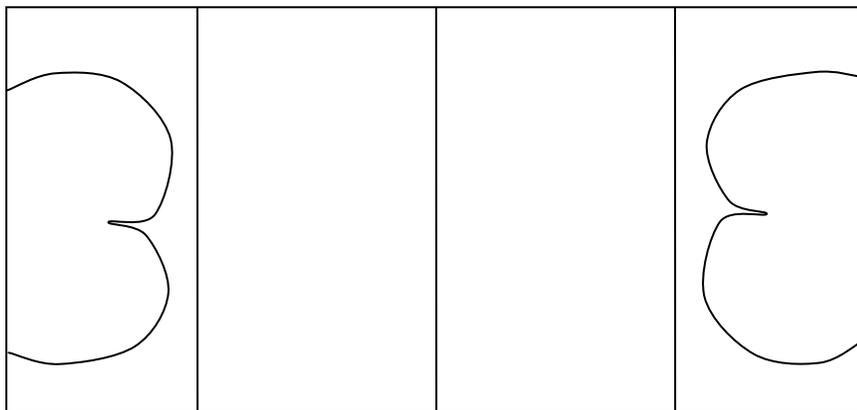


Figura 3: O campo de 1891 até 1902 (Melo 2001, p.14)

Em 1902, finalmente o campo recebe o desenho no qual o futebol é jogado até hoje, com as medidas e o formato retangular da grande e pequena área, com o círculo central e a marca do pênalti, a 12 jardas da meta, que conhecemos hoje. Faltando então, a meia lua, que em 1936, é colocada com o intuito de manter os jogadores de ambas as equipes afastados 9,15 metros do pênalti (Figura 4).

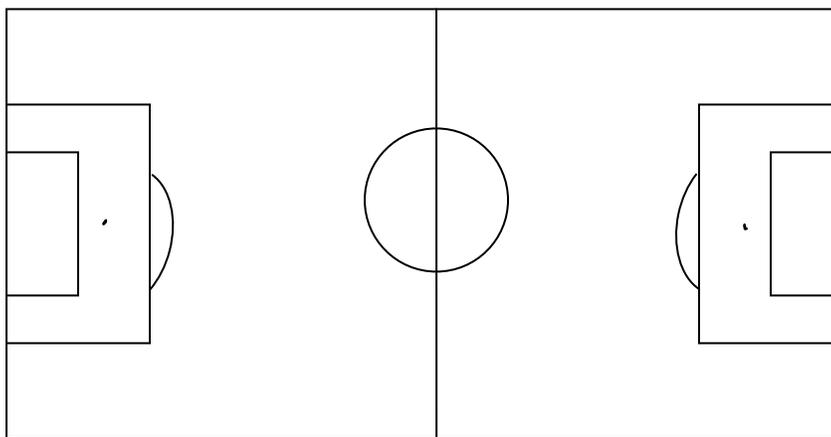


Figura 4: Campo de 1902 até hoje. Meia-lua incluída em 1936 (Melo 2001, p.16).

2.3.2 Cronologia dos Sistemas De Jogo Do Futebol

A partir do momento em que as regras foram sendo bem definidas, os treinadores começaram a elaborar seus sistemas de jogo. Se antes era combinado pelas equipes, no início da partida, o número de jogadores para cada lado, em 1870, foi instituído onze jogadores por time. No ano seguinte, foi criada a figura do goleiro, antes chamado de expectador, e este passaria a ser o único jogador a poder pegar a bola com as mãos, obrigando os demais a jogarem apenas com os pés. Assim, os comandantes de suas equipes já sabiam, antes de iniciar a partida, que escalariam dez jogadores de linha e um goleiro, arquitetando precocemente seu sistema.

Em quase um século e meio de futebol, vimos o mesmo passar de um jogo extremamente ofensivo e sem muitas pretensões táticas, para outro mais defensivo e de verdadeiros duelos estratégicos. Há quem diga que o futebol perdeu grande parte de seu brilho por trocar placares mais elásticos por duelos mais acirrados no meio campo. No entanto, entidades, imprensa, jogadores e técnicos se esforçam para que o esporte bretão continue sendo o espetáculo que sempre atraiu multidões aos estádios (DRUBSCKY, 2003).

Seguindo por esse prisma, outra importante questão, e bastante discutida no âmbito futebolístico, é a evolução da ciência do esporte, da preparação física, da sistematização técnica e dos duelos táticos. Estes somados, fizeram de um esporte individual, com amplos espaços, lento e de pura força bruta, um futebol totalmente dependente do coletivo, com muitos choques, dinâmico, de esperteza e detalhista.

Destarte, seria interessante acompanharmos e avaliarmos a evolução dos sistemas táticos ao longo da história do futebol. Isso é de suma importância para pesquisa, visto que é uma forma de ilustrarmos, ou observarmos, como ocorreu na prática o desenvolvimento da distribuição dos jogadores em campo. Os sistemas obedeceram, aproximadamente, a seguinte ordem cronológica:

2.3.2.1 O “original” – 1-1-9 ou (1-10)

Criado na época em que não havia goleiros, esse é um dos primeiros sistemas que se tem conhecimento. Muito confundido, com o 1-10, pelo fato dos jogadores não possuírem posições definidas, esse foi utilizado no período de 1810 a 1863 (UNZELTE, 2002, p.666). Também chamado de original, nota-se o poder ofensivo devido à presença de nove atacantes, seguido de um meio campista e um zagueiro (Figura 5).

Mais tarde, surge a presença do “espectador”. Este, como já citado anteriormente, seria nomeado “goleiro” e, a partir de 1871, passaria a ser o único jogador a poder tocar na bola com as mãos. Mas, em 1863, um jogador (o espectador) é escalado para ficar mais próximo da própria meta, resultando no recuo de um jogador de frente, formando o 1-1-8 (figura 6). Nota-se que, a partir desse momento, a denominação numérica agrega dez jogadores, e não mais onze, ocultando a presença do goleiro ao nomear o sistema de jogo.

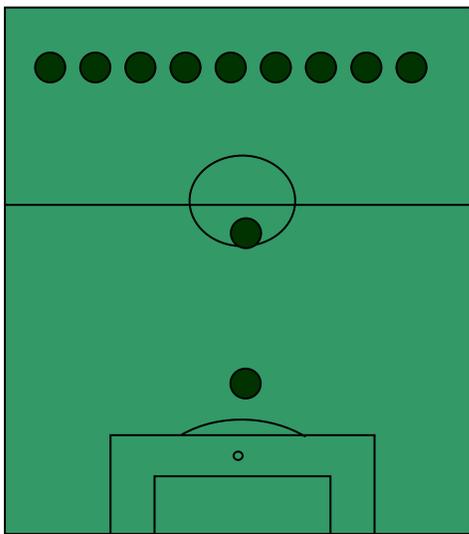


Figura 5: 1-1-9 (1810-1863)

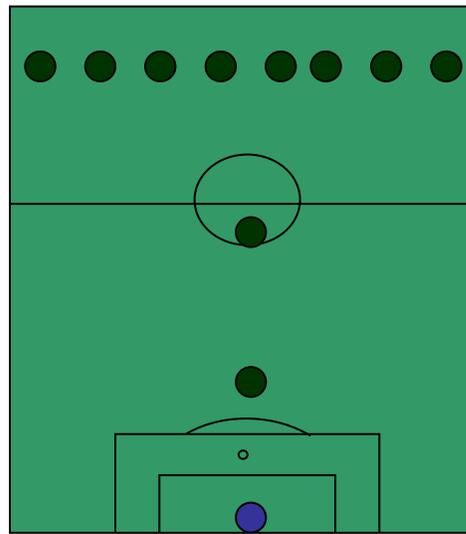


Figura 6: 1-1-8 (1863)

2.3.2.2 O “1-2-7”

Ainda com a presença do espectador, e não goleiro, em 1870, começa-se a se preocupar mais com o meio-campo. Para isso, ocorre o recuo de mais um jogador de frente, que de oito atacantes, passou-se a utilizar apenas sete. Mesmo assim, o futebol continuava com a predominância dos dribles, isto é, o individualismo. Assim, o “ex-atacante” passa a

reforçar o meio, agora com dois jogadores e a defesa continua com um formando o 1-2-7 (Figura 7).

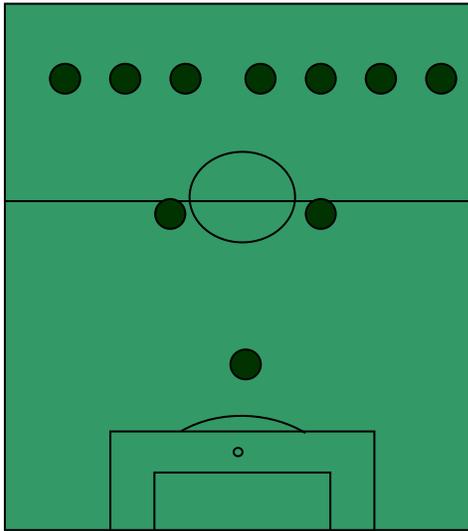


Figura 7: 1-2-7 (1870)

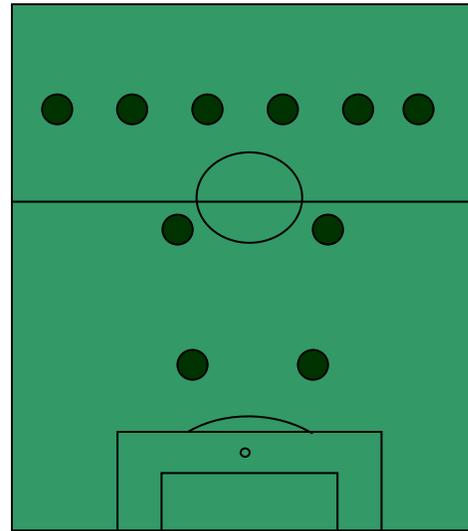


Figura 8: 2-2-6 (1872)

2.3.2.3 O “2-2-6 Escocês”

Como dito anteriormente, o primeiro amistoso entre duas seleções foi entre Inglaterra e Escócia. No entanto, a década de 1870 foi palco de uma pequena rivalidade entre as duas seleções, que transformou o simples amistoso de 1872 em grandes jogos ao longo da década. Após o empate sem gols na primeira partida, o que surpreendeu os favoritos ingleses, a Escócia impressiona o mundo com uma inédita vitória.

Jogando no novo sistema 2-2-6, os escoceses começaram a utilizar o passe como estratégia para se chegar ao gol adversário. Além disso, começaram a se preocupar mais com o sistema defensivo introduzindo o segundo zagueiro, sendo chamado de “sistema de quatro defesas”. Com os bons resultados, o sistema tático passa a ser adotado pela maior parte das seleções e equipes da época consagrando tal sistema, que deu maior equilíbrio entre a defesa e o ataque. Haja em vista que utiliza dois zagueiros, a frente do então goleiro, mais dois jogadores no meio formando os quatro defensores, e mais seis atacantes (Figura 8).

2.3.2.4 O Clássico ou “Piramidal 2-3-5”

Em 1883, a fim de buscar maior equilíbrio, do que o já consagrado 2-2-6, os escoceses repetem a “receita” e recuam mais um atacante. Dessa forma, os mesmos acreditavam que os setores, ofensivos e defensivos, estariam mais equilibrados, visto que seriam cinco jogadores para o ataque e cinco para a defesa (BORSARI, 1989). O 2-3-5 ganhou o apelido de sistema “Clássico”, ou “Piramidal” pela figura que os jogadores formavam quando se distribuía em campo (figura 9).

Melo (2001, p.25) diz que, nessa época, quando as equipes atacavam, o faziam em linha. Como os dois zagueiros jogavam separados sendo um próximo a área e outro próximo ao meio campo, constantemente os atacantes adversários ficavam em posição de impedimento. Isso ocorria pois na lei de impedimento da época eram necessários três jogadores para dar condição, e não dois como acontece hoje. Esta atitude defensiva, fez com que os jogadores de ataque atuassem mais recuados e próximos ao meio campo. E, como os passes ainda não estavam muito aprimorados, os atacantes se viam obrigados a correr com a bola nos pés ou passá-la para trás, para penetrar na defesa adversária. Esse sistema perdurou mais de cinquenta anos, sendo utilizado pelo Uruguai na conquista da Copa de 1930 e outras seleções nessa mesma década, incluindo o Brasil.

No entanto, é importante lembrar que o 2-3-5 passou por várias transformações ao longo desses cinquenta anos e suas táticas variavam conforme a escola em que era jogado. Como por exemplo, em 1925, com a mudança na lei do impedimento, na qual diminuía para dois, ao invés de três, o número de jogadores necessários para dar condição. Dessa forma, os dois zagueiros passaram a atuar em linha, e não mais um a frente do outro.

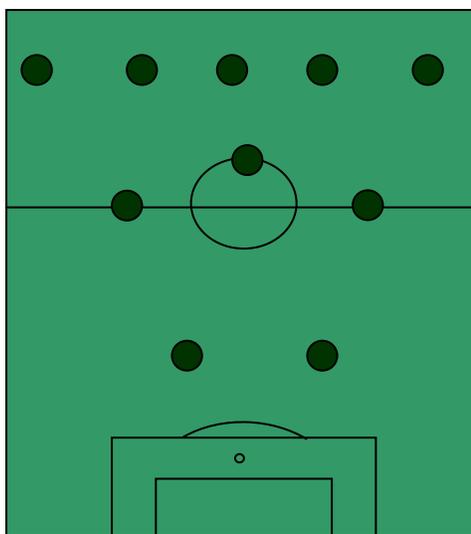


Figura 9: 2-3-5 “piramidal” (1883)

2.3.2.5 O Impedimento

Nesse momento, trocamos a apresentação de mais um sistema para falarmos um pouco sobre o “impedimento”.

Esta lei foi criada em 1865, e diz, segundo Melo (2001, p.18), que “para estar em condições legais, o jogador deveria ter, entre ele e a linha de fundo, no mínimo três defensores, no momento do passe”.

Como os sistemas, na época, contavam com número superior a seis atacantes e o número de defensores era inferior a três, a estratégia mais utilizada para se chegar ao gol adversário eram as corridas. Haja vista que, se utilizassem os passes progressivos, os atacantes ficariam “impedidos”, obrigando os escassos passes existentes, a serem executados para trás. Portanto a regra do impedimento, somado aos sistemas táticos empregados na ocasião, faziam com que o futebol tivesse um caráter individual.

Entretanto, é interessante notar que os escoceses, com os quatro defensores (vide figura 8), começaram a introduzir os passes na progressão coletiva de um jogo. E continuaram ao equilibrar o número de jogadores nos três setores do campo (vide figura 9), dando maior beleza ao jogo (GAMA, 2004).

No entanto, apesar do surgimento de alguns passes, o futebol ainda continuava com características lentas e individuais. Foi em 1925 que o futebol se transformaria e, a partir daí,

mudaria radicalmente, já que foi nesse ano que a FIFA alterou a regra do impedimento: os jogadores estariam impedidos se menos de dois adversários estivessem entre eles e o gol, e não mais três como era antes.

Essa alteração na regra, somada a outra anterior, em 1907, que instituiu a eliminação da posição ilegal ao jogador que se encontra em seu próprio campo, fez com que os treinadores repensassem suas táticas. Ou seja, se o jogador sair do seu próprio campo para receber um passe, não estará em condições de impedimento. E, se à frente do atacante estiver o goleiro e apenas um defensor, o mesmo poderá receber a bola em condições legais.

Dessa forma, os técnicos começaram a se preocupar mais com os sistemas centrais e defensivos, visto que essa nova alteração na regra privilegiou o ataque. Para isso, a distribuição dos jogadores sofreu o recuo de mais um atacante ou um meio campista a fim de reforçar a defesa que se encontrava mais fragilizada.

Com isso, novas formas de distribuição dos jogadores em campo seriam concebidas. E é em função do novo “impedimento” que os sistemas do futebol se envereda a uma maior disputa entre os espaços de meio campo, como veremos nos sistemas que se seguem.

2.3.2.6 O “W-M (ou 3-2-2-3)”

Em 1925, após a reformulação na regra do impedimento, Herbert Chapman, treinador do Arsenal da Inglaterra cria o WM ou 3-2-2-3, que se tornaria um marco tático na história do futebol.

O novo sistema transformou o antigo centro-médio no terceiro zagueiro e recuou dois atacantes, formando uma segunda linha de ataque mais próxima ao meio. Assim, Chapman criou a linha de três zagueiros, responsáveis por marcarem os três atacantes; dois meio campistas mais recuados com função de marcação no setor, dois mais avançados para armação e finalização a longa distância; e três jogadores de ataque, sendo dois ponteiros e um centro avante (FRISSELLI & MANTOVANI, 1999). Se, visto pelo alto, a formação dos jogadores tinha um aspecto de um “W” e um “M”, razão pela qual recebeu esse nome (Figura 10).

Como dito anteriormente, a mudança na regra, em 1925, favoreceu o setor ofensivo. Inteligentemente, o técnico Inglês percebeu a necessidade de trazer mais um zagueiro para

reforçar o sistema defensivo. Com isso, esse terceiro homem marcaria o centro avante, e os outros dois zagueiros ficariam com os dois ponteiros. Os jogadores de meio ficariam responsáveis pela marcação dos dois armadores e vice-versa. E os três atacantes se preocupariam com os zagueiros adversários que, na época, não ofereciam muito risco ofensivo.

Desse modo, segundo Melo (2001), foi criada a marcação individual, de maneira que cada jogador era responsável pela marcação de um respectivo adversário. Esse tipo de marcação trás novas mudanças, visto que o 2-3-5, ou sistema piramidal, realizava a defesa por zona, onde cada jogador era responsável por marcar um determinado setor do campo.

O WM perdura por mais de trinta anos e não é para menos, já que foi o sistema que deflagrou a importância da disputa de meio campo, incluindo um quarto homem ao setor. Com a simplificação na distribuição dos jogadores, de fácil assimilação e funções bem definidas, como cita Borsari (1989, p.50), “esse sistema incentiva a evolução técnica, pois exigia habilidades nas trocas de passe, na marcação e condução”. Dessa forma, fomentava também, a introdução do futebol coletivo e não mais individualista.

Mérito ao bicampeonato olímpico (1924 e 1928), o Uruguai é credenciado para sediar a primeira Copa do Mundo, organizada pela FIFA em 1930. E, apesar da eficiência demonstrada pelo sistema de Chapman, o país anfitrião sagra-se campeão utilizando o sistema Clássico (ou piramidal). Nas Copas que se seguem, 1934 e 1938, o que vemos é uma verdadeira batalha entre os dois sistemas, mas o 2-3-5 leva a melhor sobre o WM, com a Itália sendo bicampeã utilizando-o. Dessa forma, é possível notar a hegemonia do Piramidal na década de 30, o que força alguns treinadores, defensores do WM, a elaborarem novas táticas e algumas variações a fim de torná-lo mais eficaz.

O novo sistema chega ao Brasil no final da década de 1930, com Dori Kuerschner, técnico do Flamengo. No entanto, ainda precoce, os centros-médios, que se tornariam os terceiros zagueiros, não sabiam realizar tal função. Foi numa excursão à Argentina, em 1941, de Flamengo e Fluminense, que apesar dos maus resultados, os treinadores Flávio Costa e Ondino Vieira, respectivamente, voltam para casa com mais conhecimento e experiência. Esta, por sua vez, lhes rendeu bagagem suficiente para implantar uma variação no WM, criando a “Defesa Cerrada” e, mais tarde, a “Diagonal” (FRISSELLI & MANTOVANI, 1999).

Essa variação nada mais é do que o recuo de um médio que passa a ocupar o miolo do “quadrado mágico”, como eram chamados os quatro jogadores de meio desse sistema, somado ao pequeno avanço de um dos médios mais recuados. Assim, estava formada a diagonal, que tangenciava um dos zagueiros abertos, os dois médios recuados e um dos pontas (Figura 11).

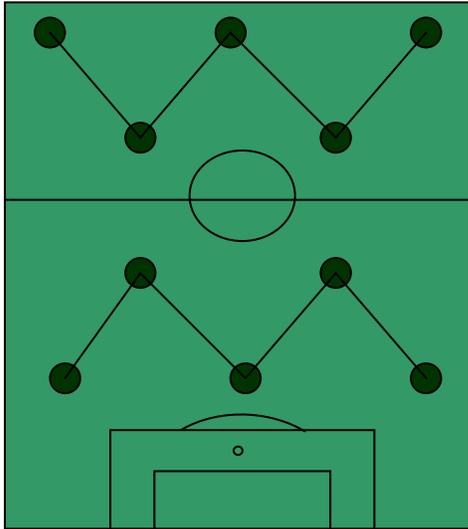


Figura 10: 3-2-2-3 “WM” (1925)

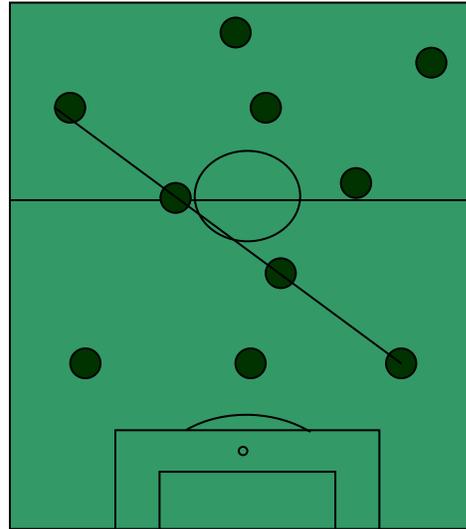


Figura 11: Diagonal (1943)

Aprimorada a “diagonal brasileira”, o técnico Flávio Costa, um dos precursores dessa variação do WM, é condecorado e recebe a oportunidade de comandar a seleção na Copa de 1950 realizada no Brasil. Na Copa onde quase todas as seleções utilizavam o WM, Costa introduz uma movimentação mais intensa no meio campo, deixando o “quadrado mágico” mais fortalecido fisicamente. Com isso, como é possível notar, o quadrado, em função da formação da diagonal, se torna um losango, com a pequena rotação dos quatro médios. Esse losango, ora girava para a direita, desenhando a diagonal esquerda (Figura 11), ora girava para a esquerda, desenhando a diagonal oposta. Assim, o Brasil passa a ter maior variedade ofensiva, atacando pelas duas pontas e os jogadores de meio campo mais preparados fisicamente.

Porém, é inegável que o futebol, durante toda sua história, vive de resultados. E, pela derrota de 50 para os Uruguaios no maracanã, a “Diagonal” de Flávio Costa, cai diante do WM de fintas rápidas e jogo veloz dos uruguaios. Mas vale ressaltar que essa foi uma das maiores injustiças cometidas no mundo da bola, visto que esse sistema foi considerado por

muitos como uma das formas mais encantadoras de futebol. Sem falar que, apesar da derrota, o Brasil, até então, havia feito uma Copa impecável, com direito a goleadas de 7x1 na Suécia e 6x1 na Espanha no quadrangular final, mas que pelo vice-campeonato são esquecidas.

Embora não fossem utilizadas, as mudanças trazidas por Flávio Costa contribuíram para a evolução dos sistemas táticos. A marcação por zona no WM, a maior movimentação dos homens de meio, o losango central e a grande disputa nesse setor, foram marcas deixadas pela Diagonal brasileira.

Outra variação que chama bastante atenção na época é o “Raio Suíço”. Dirigido por Karl Rappan na década de 50, os suíços trazem uma variação defensiva do WM. Giulianotti citado por Gama (2004, p. 6) descreve tal sistema formado por “dois defensores centrais que eram apoiados por zagueiros atacantes; dois proto-meio-campistas controlavam o centro, enquanto os dois atacantes eram assistidos por alas”.

O sistema defensivo suíço do WM pode ter influenciado a criação do “Ferrolho”, outra variação também voltada à defesa. Nesse, os quatro jogadores de meio recuavam para o espaço defensivo, e obrigavam os três atacantes a voltarem para buscar jogo e combinarem jogadas com o meio que estava recuado. No entanto, para alguns autores, essa variação, por concentrar muitos jogadores na defesa, alterava o WM, podendo ser considerado como outro sistema (TOLEDO, 2002).

Entre inovações e criações, técnicos, seleções e diferentes escolas vão desenvolvendo novas táticas que, enxergam nas Copas, um palco para apresentá-las ao mundo e mostrarem a eficácia. Assim, o WM foi uma importante evolução para que chegássemos a novos sistemas.

2.3.2.7 O “4-2-4”

Considerada uma potência mundial, a Suíça é a anfitriã da Copa do Mundo de 1954. Porém, apesar de suas inovações táticas, os suíços assistiram a Hungria realizar um grande mundial, cheio de inovações, mas parar diante da surpreendente Alemanha.

Liderada por Puskas e Cocsis, a seleção Húngara realiza algumas inovações táticas. Estas, pela falta de cobertura na época, muitas vezes são erroneamente citadas e às vezes chega a confundir alguns autores como Gama (2004, p.7), que cita o emprego do sistema “MM” ou 2-5-3 (outra variação do WM) adotado pela Hungria. No entanto, o que se viu,

segundo a maioria dos autores como Frisselli & Mantovani (1999, p.161), foi a introdução do quarto zagueiro no bloco defensivo.

O quarto zagueiro, como é conhecido até hoje, surge diante de uma dificuldade vivida pelo WM. Algumas equipes utilizavam um dos médios ofensivo muito próximo à linha dos três atacantes, muitas vezes atacando em quatro. Essa situação gerou, para a defesa de três homens do WM, uma situação de inferioridade numérica. Com isso, foi recuado um homem de meio campo, formando a linha de quatro defensiva, ao passo que também foi avançado um meio para o ataque, formando a linha de quatro ofensiva. Assim, sobram dois jogadores no meio, sendo um responsável pelas articulações das jogadas para os quatro homens de frente e outro para as tarefas defensivas.

Desse modo, o sistema fica com quatro jogadores na defesa, sendo dois zagueiros e dois laterais; dois jogadores de meio, um mais defensivo e outro mais ofensivo e quatro atacantes, sendo dois centroavantes e dois ponteiros (Figura 12).

Ao contrário da diagonal brasileira, que sucumbiu pelo vice-campeonato em 50, o 4-2-4 húngaro, apesar da prata, foi aprimorado por muitas escolas e, no final da década de 50 e boa parte dos anos 60, foi o sistema mais utilizado. As equipes acreditavam que o ataque era a melhor defesa e investiam pesado no setor ofensivo. Entendiam que se sofressem três gols, poderiam fazer quatro e assim por diante.

O Brasil deve muito a esse sistema, já que nos sagamos campeões na Suécia em 1958 e bi no Chile em 1962, com o 4-2-4 brasileiro. Esse tinha uma sutil variação para os demais: enquanto a maioria das seleções revezava as funções entre os dois jogadores de meio, o Brasil simplificava delegando funções mais específicas. Um dos meios, o mais recuado, atuava como volante e jogador responsável pela saída de bola. O segundo homem de meio atuava na meia (direita ou esquerda) e era responsável pela armação das jogadas para os jogadores de frente. E um dos homens de frente atuava atrás da linha dos atacantes, mas à frente do meia, e passou a ser conhecido o “ponta-de-lança”. Este chegava como elemento surpresa ao ataque, sendo geralmente, um jogador mais preparado fisicamente e com boa velocidade. Foi nessa geração que Pelé, o maior jogador de todos os tempos, atuou durante muito tempo.

Assim, segundo Drubsky (2003, p.114), “na década de 60, a preparação física começou a ser não só presente, mas também atuante e sistematizada, o jogo passou a ter

novas caras”. E a seleção brasileira dispunha de jogadores bem preparados fisicamente, para a época, de forma que a marcação por zona, do 4-2-4 brasileiro, era eficiente e permitia, ao ataque, ter bom poder ofensivo.

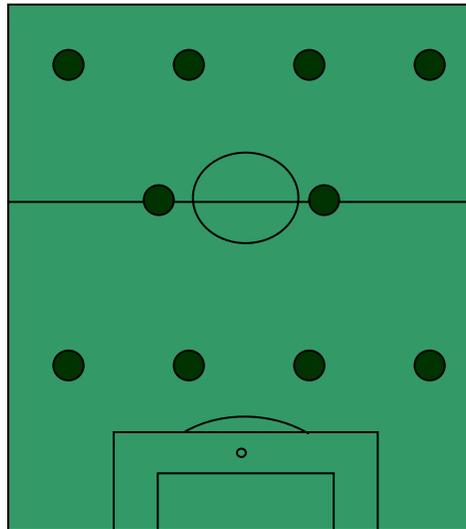


Figura 12: 4-2-4 (1954)

2.3.2.8 O “4-3-3”

No final da década de 50 e início dos anos 60, a maioria, das equipes e seleções, utilizava o 4-2-4 embalado pelas duas conquistas brasileiras nas Copas. No entanto, com o surgimento de algumas variações, percebeu-se o excesso alguns espaços no meio campo, já que apenas dois jogadores eram responsáveis por ocupá-los.

Diante disso, Giulianotti (2002) diz que Alf Ramsey, treinador da seleção inglesa na Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra, criou a “maravilha sem alas”, ou seja, desenvolveu um novo sistema com mais um jogador central, o 4-3-3.

Há uma grande discussão literária a cerca do surgimento desse sistema. Melo (2001, p.30) defende o surgimento do 4-3-3 como uma variação do 4-2-4, alegando que o primeiro surge em decorrência da necessidade de mais um jogador de centro para ocupar os espaços, “recuando um centroavante para a meia”. Já Borsari (1989, p.59), diz que o sistema “é uma evolução dentro do campo tático, tanto defensivo como ofensivo, e ele é um sistema puro, ou seja, com três jogadores de meio campo e não como uma variação do 4-2-4”.

Entretanto, sobre a evolução dos sistemas de jogo, acreditamos que todos os sistemas estão inseridos de uma forma social-histórica. Isso é, são interligados de alguma forma, sendo de difícil credibilidade a criação de um sistema que não foi inspirado ou refletido a partir de outrem.

O 4-3-3 se manteve como um dos mais requisitados sistemas por mais ou menos vinte anos, algo insólito no futebol moderno. Desconsiderando o fato de ter sido usado por muitas escolas mundiais, podemos notar que esse sistema sagrou-se “pentacampeão” mundial consecutivo nas mãos de cinco potências diferentes do futebol. Desde 1966 com a Inglaterra, passando por 1970 com o Brasil, 1974 com os alemães, 1978 com os argentinos e 1982 com a Itália.

Todavia, como em todos os sistemas do futebol, esse não seria diferente e passaria por várias transformações. Para alcançar tal êxito, o 4-3-3 foi sofrendo algumas variações para se adaptar às exigências da modernização do futebol.

Idealizado por Alf Ramsey, o sistema original era constituído por quatro zagueiros, dois centrais que subiam apenas até o meio e eram responsáveis pela cobertura dos dois laterais (direito e esquerdo), que, por sua vez, raramente apoiavam para poderem ajudar na cobertura dos centrais, nas bolas vindas pelo lado oposto; três no meio-de-campo, sendo um volante responsável pelo combate a frente da zaga e coberturas dos meias e dos zagueiros, e dois meias responsáveis pela armação de jogadas e apoio ao ataque; e os três atacantes, sendo dois ponteiros com boa velocidade e habilidade para driblar pelos flancos e um centroavante responsável por dar o último toque na bola, além de abrir espaços para os meias (Figura 13).

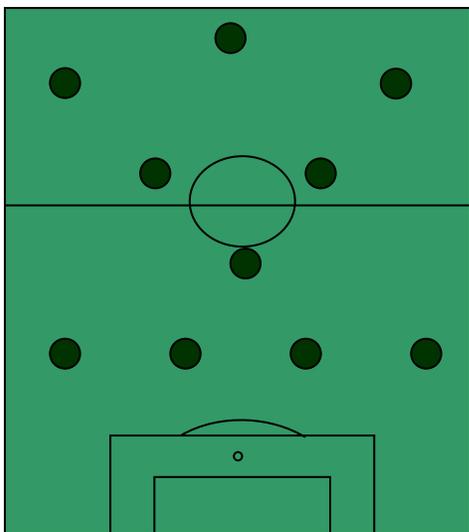


Figura 13: 4-3-3 “clássico” (1966)

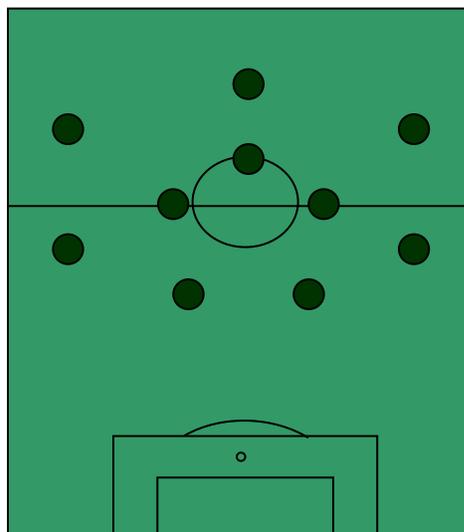


Figura 14: “Carrossel holandês” (1974)

Contudo, ao falarmos sobre a evolução dos sistemas, seria uma grande injustiça, e a pesquisa estaria incompleta, se não citássemos o 4-3-3 da seleção holandesa na Copa de 1974.

Comandada por Rinus Michels, a equipe do Ajax e a seleção holandesa, da década de 70, revolucionam a parte tática do futebol e fazem com que profissionais da área reflitam sobre novos caminhos a serem trilhados no mundo da bola.

Também conhecido como “futebol total”, o sistema holandês inova fazendo com que os jogadores tenham mais de uma função, devendo saber atacar e defender, algo que é muito cobrado nos dias atuais. Como citado por Frisselli & Mantovani (1999, p.161), “mais que um sistema tático, a forma de atuar da Holanda inaugura uma nova era do futebol, baseada na preparação física superior e na polivalência dos futebolistas”. O autor comenta o fato dos jogadores não atuarem em posições fixas. Ou seja, deveriam ter um bom preparo físico para atuar em outros setores do campo, ao passo que deveriam estar bem preparados técnica e taticamente para se tornarem versáteis. Assim, pela grande rotatividade de posições, e funções, que a equipe de Michels ficou conhecida como “carrossel holandês”.

Jogado no 4-3-3, o “carrossel” também apresentava outras peculiaridades. Ao contrário do sistema da época, caracterizado por ser mais aberto, o futebol total apresentava uma equipe compacta onde as linhas de defesa, meio e ataque, jogavam muito próximas. A linha dos quatro zagueiros jogava mais adiantada e próxima ao meio campo, tendo logo à

frente a linha dos três jogadores de meio, sendo dois de contenção e um meia armador. Poucos metros à frente, ficava a linha dos três atacantes sendo dois ponteiros e um centroavante (Figura 14). Mas o que nos chama a atenção é o fato de todos os jogadores, além de receberem funções ofensivas, incluindo até os zagueiros, também eram responsáveis pela marcação, que era feita por pressão. De maneira que todos os jogadores avançavam ao mesmo tempo para deixar os adversários impedidos.

Para que isso ocorra, deve-se destacar, todos os jogadores precisam estar bem adaptados e devem ser capazes de jogar em qualquer posição (GAMA, 2004). Enquanto Giulianotti (2002) comenta que os jogadores holandeses adquiriram uma virtuosidade técnica básica, permitindo tornarem-se polivalentes. Há quem diga que numa das declarações de Michels, o treinador teria dito que a formação dessa equipe só foi possível, pois os jogadores tinham um nível de inteligência elevado.

É importante ressaltar que, após o surgimento do carrossel holandês, ficam algumas reflexões sobre a modernização do futebol. E é inegável que, o surgimento desse grande fenômeno, influenciou diretamente a consciência de um necessário desenvolvimento das capacidades físicas, e da versatilidade dos jogadores. O futebol, antes jogado com uma dinâmica lenta, deu lugar a rapidez e a maior movimentação, preenchendo os espaços que antes ficavam desocupados.

Dessa forma, segundo Drubscky (2003) o 4-3-3 “moderno” passou a ser jogado com algumas diferenças. Os dois zagueiros centrais passaram a subir ao ataque esporadicamente, enquanto os laterais começaram a apoiar, ficando um pouco mais adiantados. A posição “volante” passou de um, para dois jogadores atuantes e ficaram mais ofensivos, enquanto que os meias passaram a ajudar na marcação também. Os ponteiros mantiveram suas funções ofensivas, mas passaram a marcar também os laterais adversários, enquanto que o centroavante passou a trocar de posição com os ponteiros para ludibriar a marcação, além de cercar a saída de bola (Figura 15).

Com isso, o 4-3-3 transcende a fase moderna do futebol e, com algumas adaptações, se junta ao 3-5-2 e o 4-4-2, sistemas mais utilizados na era pós-moderna. Drubscky (2003, p.116) chega a dizer que “com ou sem adaptações, não há como ver um jogo de futebol, nos dias de hoje, longe das três formas clássicas e modernas de se posicionar em campo”, referindo-se aos três sistemas citados.

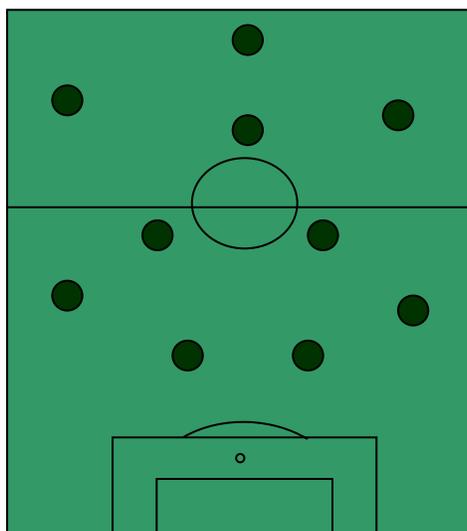


Figura 15: 4-3-3 “moderno” (1978)

2.3.2.9 O “4-4-2”

De acordo com registros existentes, a primeira vez que um 4-4-2 foi utilizado nos gramados, foi na Copa de 1966, pela campeã e anfitriã Inglaterra. Mas como se anteriormente dissemos que essa teria usado o 4-3-3? Após uma primeira fase complicada, Alf Ramsey, o treinador inglês, sente a necessidade de uma forte marcação no meio-campo, ao passo que defendia e impedia algumas manobras criativas dos adversários. Por isso, decide recuar um atacante e utilizar um inédito sistema com quatro zagueiros e quatro médios. E, de acordo com a necessidade, voltava ao primeiro sistema. Esta variação pode ter sido um dos segredos do título mundial conquistado pela Inglaterra.

Não é incomum encontrarmos, na literatura, outros autores que citam a aparição do 4-4-2 em outras equipes, ou outras épocas. Isso se deve ao fato da hegemonia do 4-3-3 ter perdurado durante mais ou menos vinte anos. Dessa forma, não é raro encontrar algum jogador de ataque que, devido às suas características, voltasse para buscar jogo, ou que voltasse para ajudar a marcar no meio campo. Assim, um torcedor, ou até um profissional da área, que estivesse assistindo um jogo, poderia dizer que tal equipe jogava com quatro

homens no meio, desconsiderando uma possível característica defensiva de um jogador de frente. Como cita Frisselli & Mantovani (1999, p.162) quando diz que

“O Brasil apresenta esse sistema (4-4-2) em 1969 na equipe do Cruzeiro (...) com o treinador Hilton Chaves, mas segundo observadores da época, era de difícil constatação, visto a movimentação dos atletas cruzeirenses, que tinha no seu elenco um craque como “Tostão”.

A maioria dos treinadores que utilizavam o 4-4-2 nas décadas de 60, 70 e 80, justificavam sua escolha pela necessidade de mais um jogador no meio. Essa escolha teve duas grandes razões: a subida de alguns zagueiros laterais que potencializa o ataque, mas vulnerabiliza o meio; e a grande disputa pelo centro (DRUBSCKY, 2003). Além disso, houve a conscientização de que todos os jogadores teriam funções, tanto ofensivas quanto defensivas, contribuindo, também, para o desenvolvimento das capacidades físicas. Assim, com a valorização da marcação, o aumento da aptidão física dos jogadores, e o quarto homem no meio, a alta competitividade transferiu-se para o setor central. Ou seja, os técnicos passaram a se preocupar mais com a briga pelos espaços no meio e com a posse de bola, que, na maioria das vezes, era recuperada nesse setor.

Assim, se antes as atenções estavam voltadas para o ataque, o futebol moderno é marcado pela grande disputa do meio. Há um jargão conhecidos nos gramados que diz que “quem ganha o meio, ganha o jogo”. Mas conhecendo a imprevisibilidade do futebol, sabemos que nem sempre isso acontece. No entanto, é claro que quem ganha o meio-de-campo tem maiores condições de criar as chances de gols e que para atacar. É necessário ter a posse de bola mas, antes, é preciso recuperá-la.

Com esse pensamento, os treinadores, no final da década de 70 e durante os anos 80, passam a travar verdadeiras batalhas pelo centro. Nessa época o esporte ganha um reforço científico, que contribui diretamente na evolução dos componentes táticos, técnicos e físicos. Dessa forma, ocorre uma maior valorização dos sistemas táticos, demandando maior estudo e reflexão para o mesmo. Por isso, ao determinar os sistemas que seriam utilizados, os técnicos analisam uma melhor maneira de distribuir os jogadores de forma a ocupar o maior espaço possível, ao passo que possam influenciar diretamente na disputa pelo meio. Assim, as equipes passam a se preocupar mais em não perder a ganhar as partidas, com o pensamento de que o empate é melhor do que a derrota.

Destarte, há uma considerável linha de estudiosos que apontam o 4-4-2 como o sistema tático mais completo para as necessidades do futebol moderno e pós-moderno. Visto que há um grande equilíbrio entre os três setores e ocupa com boa qualidade os espaços do campo.

Há basicamente duas formas de posicionar os jogadores no 4-4-2, e sua diferença está no posicionamento dos meias, utilizando o “quadrado” (Figura 16) ou o “losango” (Figura 18). As demais formas de posicionamento são pequenas variações ou preferências de alguns treinadores.

Os primeiros sistemas, com quatro homens no meio, utilizavam a figura do quadrado. O 4-4-2 “clássico” tinha a linha defensiva composta por dois zagueiros mais fixos, dois laterais que apenas auxiliavam na cobertura dos centrais, dois volantes, a frente dos zagueiros, responsáveis pela marcação para darem liberdade aos dois meias, estes eram responsáveis pela armação de jogadas ou finalização de longas distâncias e os dois centroavantes mais de área (Figura 16).

Como podemos notar, não há uma boa distribuição dos jogadores no 4-4-2 clássico. Mas a evolução desse sistema se dá diante de algumas falhas que o sistema antigo apresentava. Como é notório, o recuo prematuro de um homem de frente faz com que a equipe perca muito seu poder ofensivo, principalmente pelos flancos.

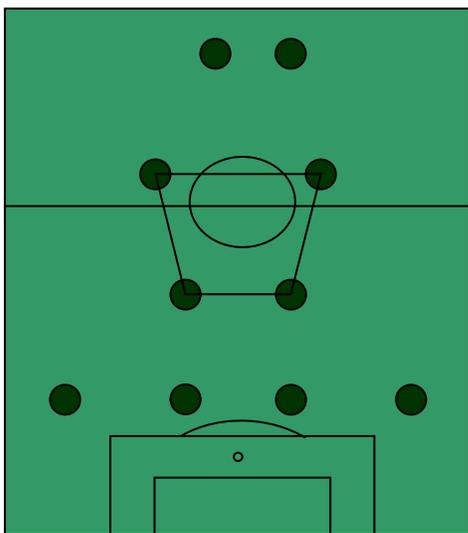


Figura 16: 4-4-2 clássico (1966)

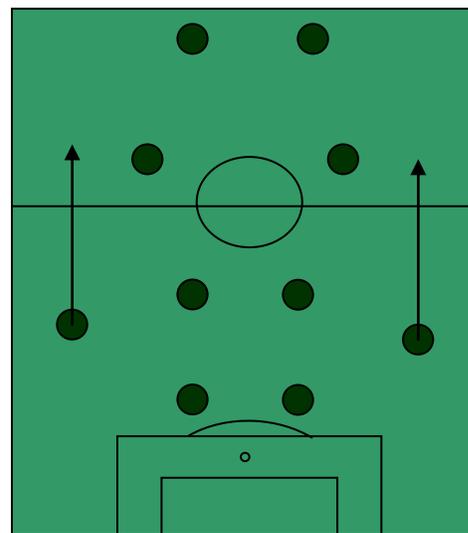


Figura 17: 4-4-2 “moderno” (anos 90)

Assim, os zagueiros laterais víam verdadeiros “corredores” livres a sua frente e, com o passar dos anos e a melhoria da condição física, começaram a dar maior poder ofensivo à suas equipes, passando a ser chamados apenas de laterais ou alas. Com a constante subida dos laterais, ocorre uma vulnerabilidade no centro e na defesa, principalmente se acontece a subida simultânea dos dois alas. Para compensar esse revés, treinadores começam a utilizar seus volantes. Estes, por sua vez, se tornam figuras muito exigidas, visto que é delegado a eles as articulações das primeiras manobras ofensivas, ao passo que passam a executar a cobertura dos laterais e do combate no centro. Outra grande mudança ocorre com os meias. De simples articuladores e finalizadores, passou a ser atribuído a eles a função de marcar a saída de bola adversária e dar forte combate ao meio junto aos volantes. Por isso, esses jogadores passaram a ter boa resistência aeróbica e raciocínio rápido, de forma que lutam para recuperar a bola, e quando a equipe o faz, são os meias os responsáveis pela criação de jogadas. Segundo Drubscky (2003), um dos elementos que alterou a estrutura do futebol moderno foi o ataque. Os homens de frente passaram a ser apenas os atacantes da equipe, e não mais os centroavantes ou pontas, como anteriormente. Assim, ganharam mais responsabilidade e versatilidade, já que teriam maior espaço para jogar e deveriam ser polivalentes, sabendo jogar, não só dentro da área, mas também nas pontas (Figura 17).

As principais vantagens de utilizar o 4-4-2, atualmente, resumem-se muitas vezes ao sólido jogo apresentado e, ao mesmo tempo, a versatilidade apresentada com grande leque de variações. Drubscky (2003, p.126) diz que o técnico Ney Franco, em certa ocasião, lhe disse: “jogando no 4-4-2, eu enxergo melhor o jogo e as necessidades da minha equipe”. Para Paoli (2000), há outras vantagens como a variação tática que contribui para confundir a marcação, o favorecimento do bloqueio defensivo e de meio e a facilidade nas ultrapassagens pelas faixas laterais e centrais.

Entretanto, há também algumas desvantagens. Há quem diga que, pelo fato dos atacantes sempre estarem em inferioridade numérica, há uma limitação ofensiva. E de fato, se a equipe não souber utilizar o poder ofensivo dos laterais, a chegada dos meias ou até subidas surpresas dos volantes, o 4-4-2 pode se tornar pouco ofensivo. Além disso, por contar apenas

com dois atacantes, o espaço no campo de defesa adversário facilita o início das ações ofensivas do mesmo.

Em sua obra, Gama (2004, p.10) apresenta quatro alternativas táticas para a formação dos jogadores de meio. Na primeira, sugere “um volante, dois meias de armação (um pela direita e outro pela esquerda) e um meia atacante”, isto é, a variação com o “losango” no meio (Figura 18); na segunda, fala sobre “um volante, um meia de contenção, um meia de armação e um meia atacante”, geralmente um intermediário entre o quadrado e o losango central; na terceira, são “dois volantes e dois meias de armação (um pela direita e um pela esquerda)”, utilizada pelo Brasil na Copa de 1994 por Carlos Alberto Parreira; e a última formada por “dois volantes, um meia de armação e um meia atacante”, formando um triângulo com mais um jogador a frente (Figura 19).

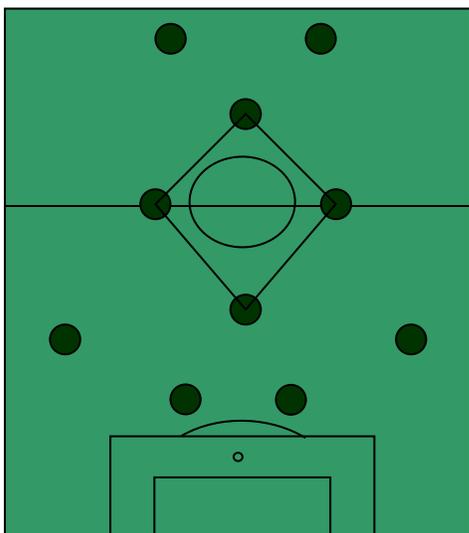


Figura 18: 4-4-2 “losango” (anos 90)

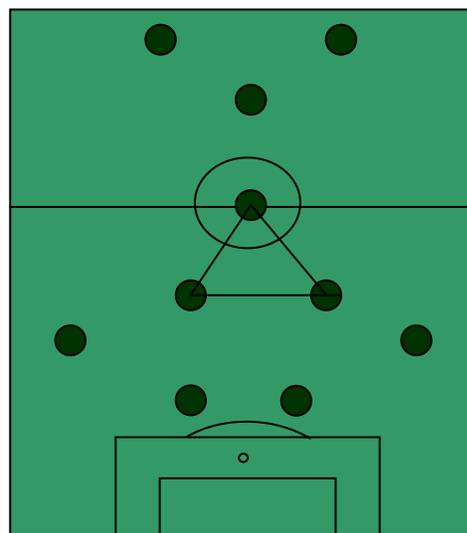


Figura 19: 4-4-2 “triângulo” (anos 90)

Apesar de ainda ser o sistema tático mais utilizado no Brasil, o 4-4-2 teve seu apogeu na Copa de 1994 com a seleção brasileira campeã, nos Estados Unidos. Embora muito criticado pela falta de criatividade, Parreira monta um tradicional “quadrado”, no meio campo, formado por Dunga e Mauro Silva (volantes) e Zinho e Mazinho (meias), que, com muita versatilidade, obtiveram grande eficácia. A ofensividade que faltavam aos dois meias, que desempenhavam mais um papel de armação e rotação, era compensada pelas investidas

dos laterais Jorginho (ou Cafu) e Leonardo (ou Branco), além da genialidade indiscutível de Bebeto e Romário.

Quatro anos mais tarde, no vice-campeonato da Copa da França, Zagallo utiliza uma variação, montando seu esquema no 4-3-1-2. Acreditando no poder ofensivo de seus alas Roberto Carlos e Cafu, o auxiliar de Parreira em 94, abre a mão de um meia e opta por jogar com a presença de três volantes para compensar os espaços deixados nas costas dos laterais. Com isso, deixa Juninho Paulista, único meia, como responsável por armar as jogadas e ao mesmo tempo ajudar Bebeto e Ronaldo no setor ofensivo.

Quatro anos depois, Felipão conduz o Brasil ao pentacampeonato na Copa da Coréia e Japão. Mas utiliza o sistema 3-5-2, e, apesar do futebol vitorioso do 4-4-2, o sistema com três zagueiros, caminha para dividir a preferência dos treinadores no Brasil. Assim, se faz necessário a abordagem desse sistema que tem sido cada vez mais usado no Brasil.

2.3.2.10 O “3-5-2”

O sistema 3-5-2 foi introduzido pela seleção da Dinamarca na Eurocopa de 1984 (Frisselli & Mantovani, 1999). Se considerarmos o fato de que a Itália foi campeã mundial em 1982 utilizando o 4-3-3, e que poucas equipes utilizavam o 4-4-2, não seria exagero elogiarmos a inovação desse sistema. Até porque, a Argentina, campeã da Copa de 1986, conquistou tal êxito utilizando-o.

Composto por três zagueiros de posição, assim como no WM, o novo sistema utilizava dois, na marcação dos dois atacantes, e o central, denominado “líbero”, fazia a “sobra”. Bastante utilizado pelo futebol italiano, o líbero recebe esse nome pelo fato de estar sempre livre. Isto é, tem liberdade por nunca marcar nenhum jogador específico, mas é o responsável pela cobertura dos volantes, laterais e zagueiros, sendo geralmente posicionado a frente ou atrás da zaga. No entanto, alguns críticos dizem que os dinamarqueses não obtiveram bons resultados, pois a equipe não sabia utilizar seu líbero, que, frequentemente, abandonava a defesa e ajudava o meio e o ataque. Desse modo, a zaga ficava muito exposta e, por essa fragilidade, a Dinamarca acabou sofrendo muitos gols e, conseqüentemente, não logrou êxito.

Com algumas modificações e contando com a genialidade de Diego Maradona, a Argentina, utilizando o 3-5-2, conquista o bi campeonato em 1986 no México. Com o seu primeiro título mundial, o novo sistema chama a atenção e, apesar de ser mais empregado na Europa, ganha escolas por todo o mundo, como foi o exemplo argentino. Como prova disso, quatro anos mais tarde na Copa de 90, na Itália, vinte das vinte e quatro seleções utilizaram o 3-5-2, incluindo a campeã Alemanha e o Brasil, do técnico Sebastião Lazaroni.

Como dito anteriormente, o 3-5-2 é formado por três zagueiros de área, que jogam centralizados, mas que aumentaram a zona de ação defensiva, comparado aos dois zagueiros do 4-4-2. Assim sendo, atuam também nas laterais defensivas, tanto nas coberturas, quanto nas saídas de bola, além de se aventurarem em subidas surpresas, mas que devem ser compensadas pelos volantes ou alas.

Estes, por sua vez, se somados aos meias, formam a linha média de cinco jogadores. Dois deles são os alas que atuam pelos flancos, ao passo que os outros três jogadores ocupam o meio-de-campo. O desenho do sistema tático e suas variações vão depender das características desses jogadores, podendo jogar com dois alas, direito e esquerdo, que podem ser mais ou menos ofensivos, com apenas um volante e dois meias, ou dois volantes e um meia. Se os alas desempenharem papéis muito ofensivos, é interessante a permanência de dois volantes de marcação e apenas um meia articulador mais ofensivo (Figura 20). Se for o contrário, isto é, os jogadores de meio possuírem aptidões mais ofensivas, é conveniente alternar as subidas dos alas e jogar com apenas um volante (Figura 21).

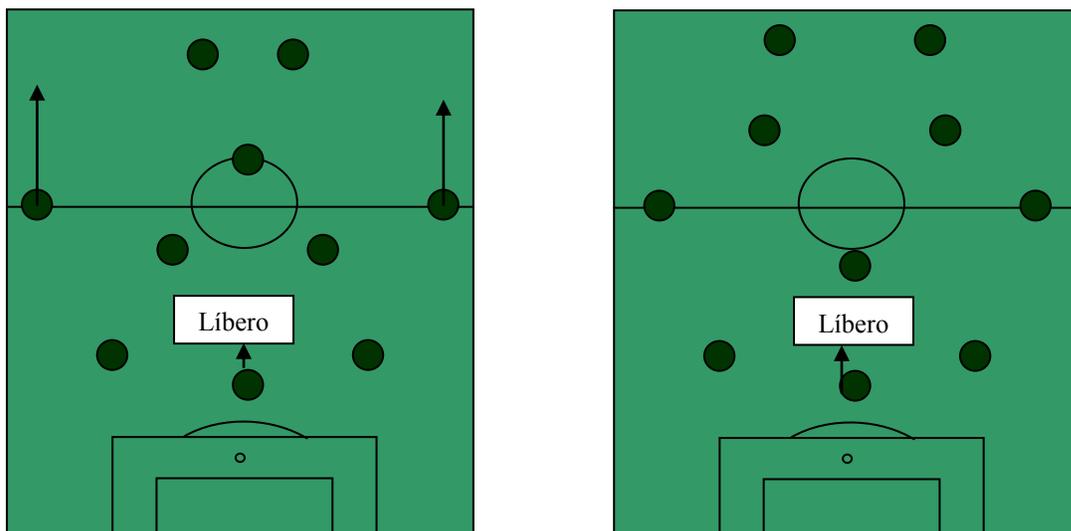


Figura 20: 3-5-2 “dois volantes” (anos 90)

Figura 21: 3-5-2 “Dinamarca” (1984)

A atuação dos atacantes não é muito diferente do 4-4-2 e também é dependente das características dos jogadores centrais. Se os alas tiverem aptidões mais ofensivas, os atacantes podem jogar mais centralizados (vide Figura 20), mas se acontecer o contrário com os alas, os jogadores de frente atuarão mais abertos, gerando um espaço para uma possível investida de um meia-atacante pelo centro (vide Figura 21).

Mas há também algumas opções, e combinações, que as duplas de ataque podem formar em detrimento das características dos jogadores. Pode-se escalar dois atacantes que atuam pela extrema (um pela direita e outro pela esquerda); ou dois atacantes centrais; ou então, um atacante pelo meio e um em alguma das pontas, dando liberdade, na ponta oposta, para o apoio de algum meia (GAMA, 2004, p.11).

O 3-5-2 chega ao século XXI com grande vitalidade, visto que, depois de vinte anos de sua criação, continua sendo bastante utilizado e disputa a preferência dos treinadores com o 4-4-2. Isso se deve ao fato do mesmo apresentar algumas vantagens como a versatilidade para a articulação de jogadas, devido a presença de cinco jogadores no meio; uma boa estabilidade defensiva, em decorrência ao surgimento do terceiro zagueiro; dificulta as ações e articulações adversárias pelo grande número de jogadores no centro; permite que a equipe ataque com um número maior de jogadores, visto que os três zagueiros dão essa segurança; e o apoio simultâneo dos alas, que dificultam a marcação adversária (GAMA, 2004; DRUBSCKY, 2003).

Dentre as desvantagens podemos citar o maior espaço na saída de bola adversária, pelo menor número de atacantes; se o adversário colocar os dois atacantes pela extrema, o trabalho do líbero será bastante dificultado pelo grande espaço aberto na defesa; da mesma forma se o oponente fizer a opção de três atacantes, expondo a defesa ao 1x1; há falta de alas ou meias mais ofensivos, pode deixar o sistema muito defensivo sem conseguir produzir ações de ataque; e o elevado número de jogadores de meio com grande versatilidade, pode causar um desentrosamento, ou confusão, se não for bem esclarecida a função tática de cada posição (GAMA, 2004; DRUBSCKY, 2003).

Contudo, pela derrota brasileira na Copa de 90, ou por estarmos mais acostumados com o 4-4-2, o sucesso do 3-5-2 europeu não foi o mesmo no Brasil na década de 90. No

entanto, não poderíamos deixar de citar o pentacampeonato conquistado por Luiz Felipe Scolari com o 3-5-2, êxito que alavancaria de vez os três zagueiros no Brasil.

Com uma campanha ruim nas eliminatórias para a Copa de 2002 na Coreia e Japão, o Brasil passava por um momento de crise no futebol mundial. Alguns treinadores chegaram a negar o convite da CBF para assumir a seleção. Muito questionado e sob muitas críticas, o 3-5-2 de Felipão, antes visto como muito defensivo, foi aos poucos ganhando a confiança dos brasileiros e, o título mundial, fez com que muitos treinadores nacionais passassem a reconhecer e utilizar tal sistema.

Talvez o primeiro grande título conquistado pelo 3-5-2, no Brasil, tenha sido o Campeonato Brasileiro de 2001 do Atlético Paranaense, ao comando do técnico Geninho. Mas foi a partir da Copa de 2002 que o novo sistema começa a ganhar espaço nas principais equipes nacionais e dividir a preferência dos treinadores.

Muitos profissionais do futebol dizem o 3-5-2 chega para corrigir algumas deficiências do 4-4-2. Com muitas críticas a zaga brasileira, Scolari dá mais consistência ao setor com a presença de Edmilson, o terceiro zagueiro e líbero. A presença do terceiro homem veio em decorrência da fragilidade defensiva, gerada pelo grande poder ofensivo que Cafu e Roberto Carlos (laterais) davam ao time. Além disso, a seleção contou também com a escalação de Cléberson e Gilberto Silva (volantes) que deram mais respaldo ao sistema defensivo brasileiro. E para o setor ofensivo, Felipão escala os três “R’s”: Ronaldinho (meia), Ronaldo e Rivaldo (atacantes), que recebiam grande apoio dos alas.

Além de corrigir a fragilidade dos dois zagueiros, o 3-5-2 também dá maior liberdade aos alas, pela presença dos dois volantes. Porém, deve-se tomar cuidado pois, se o treinador não souber utilizar bem seus alas, o 4-4-2, mesmo com um jogador a menos no setor central, ganha o meio, visto que são dois meias e dois volantes, contra os dois volantes e um meia do 3-5-2. Da mesma forma como a falta de cobertura dos volantes para os alas, pode forçar uma abertura prematura da zaga, que terá que fazê-lo.

Assim, como pudemos perceber, todos os sistemas apresentam vantagens e desvantagens, sendo a preferência e o conhecimento dos treinadores, os determinantes para a escolha tática. Por isso é comum surgirem algumas variações oriundas dos três sistemas modernos mais utilizados (4-4-2, 3-5-2 e 4-3-3).

2.3.2.11 Variações na Evolução

O futebol atualmente é jogado com grande velocidade e, por isso, vemos muitas partidas serem decididas nos pequenos detalhes. Esses pormenores táticos fazem com que os treinadores criem diferentes soluções para seus atletas. Desse modo, mediante ao “ensaio e erro”, as inovações vão surgindo, ou seja, o êxito logrado em algumas mudanças e o revés em outras tentativas, vão fazendo com que o futebol evolua. Assim, técnicos, ao longo da história, vão criando novos sistemas e variações originadas principalmente nos sistemas táticos mais utilizados e vitoriosos.

Como, por exemplo, o surgimento do 3-4-3 no início da década de 90, uma possível variação do 4-3-3 ainda muito utilizado na Holanda. Gama (2004, p.9) diz que nessa época, o Ajax, clube tradicional holandês, utilizou o sistema. A variação surge na tentativa de escalar mais um homem no meio, mas abrindo mão dos laterais, já que ficam com três zagueiros. Destes, dois são zagueiros de marcação e o central é o líbero. No meio campo há a presença de um volante, dois alas e um meia articulador, responsável pela criação para os três atacantes, sendo dois ponteiros e um centroavante (Figura 22).

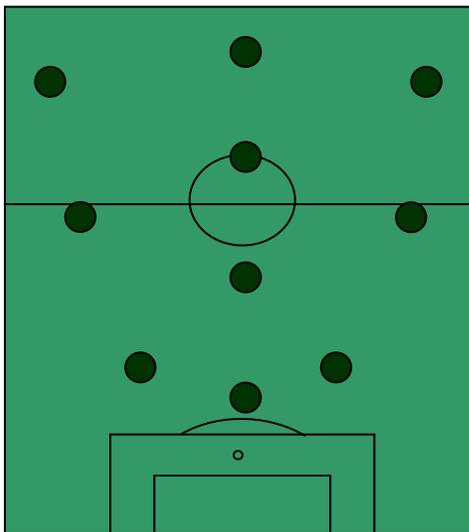


Figura 22: 3-4-3 (anos 90)

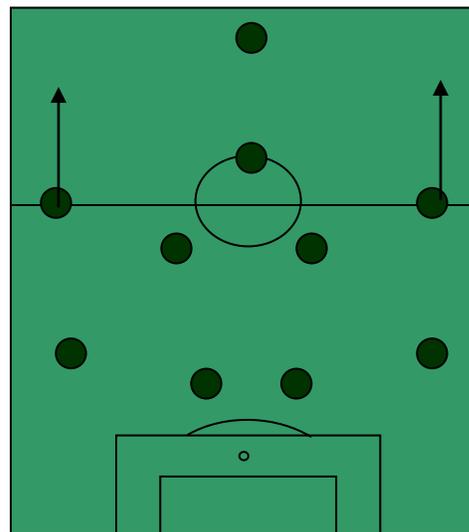


Figura 23: 4-5-1 (1998)

Outro sistema que ficou bastante conhecido e ganhou alguns adeptos foi o 4-5-1. Utilizado pela primeira vez na Copa de 1998, na França, pela equipe da Noruega, é bem provável que esse sistema seja uma variação do 4-4-2, voltando um dos atacantes, na tentativa de garantir a supremacia central. Desenvolvido pelo treinador norueguês Egil Olsen, o 4-5-1 se mostrou presente no Brasil em 2001, nas mãos do técnico Lula Pereira quando dirigiu o América Mineiro em algumas partidas (DRUBSCKY, 2003). Mas o grande êxito desse sistema ocorre em 2006, na Copa da Alemanha, com a seleção francesa vice-campeã. O sistema conta com uma linha de quatro jogadores na defesa, podendo ser quatro zagueiros ou dois zagueiros e dois laterais. A linha de cinco homens no meio, geralmente é composta dois volantes, sendo um de marcação e outro que investe no poder ofensivo, por um meia articulador e dois alas, que se tornaram verdadeiros pontas ajudando muito o poder ofensivo da equipe, que conta com apenas um centroavante (Figura 23).

Por fim, outra variação que tem ganhado vários admiradores é o 3-6-1. Uma provável variação do sistema 3-5-2, mas com o recuo de mais homem no meio-de-campo. O mundo passa a assistir uma partida com tal sistema quando Marcelo Bielsa, treinador, conduz sua seleção argentina nas eliminatórias para a Copa de 2002. Apesar de ser taxado de “el loco”, o comandante argentino realiza uma brilhante campanha nas eliminatórias, porém não consegue bons resultados na Copa, sendo eliminado na primeira fase. Embora o 3-6-1 não tenha conseguido êxito, na Copa de 2002, anos mais tarde passa a ganhar o respeito de vários treinadores, que começaram a optar por jogar com apenas um atacante de área na Copa de 2006, utilizando também o 4-5-1. E, após o mundial, era possível notarmos algumas equipes nacionais utilizando-o também no Campeonato Brasileiro 2006, confirmando a nova tendência.

Há várias maneiras de posicionar o sistema 3-6-1, pela grande quantidade de jogadores no meio. Pode-se escalar dois volantes, dois alas e dois meias, ou três volantes e três meias. No entanto, Bielsa escala a equipe com três zagueiros sendo dois de marcação e um líbero (Samuel); um volante (Simeone), dois alas (Sorin e Zanetti) que ajudavam no ataque e revezavam a subida, e três meias, sendo um articulador (Verón) e dois mais ofensivos (López e Ortega); fechando com um centroavante (Batistuta) de área (Figura 24).

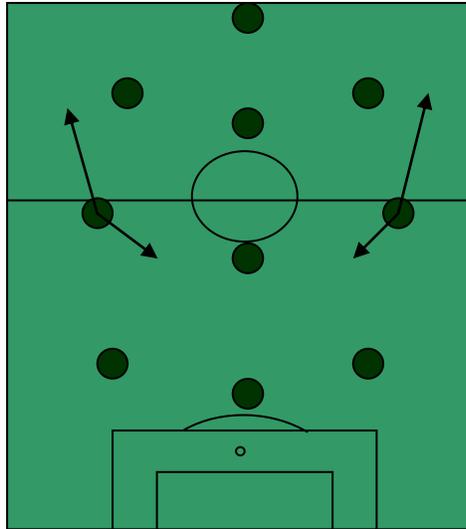


Figura 24: 3-6-1 (2002)

2.4 ASPECTOS DA HISTÓRIA DO FUTSAL

Como vimos alguns aspectos da história do futebol, após a reunião na Taverna Freemasons, em 1863, na cidade de Londres, a *Football Association* trabalha para unificar as regras. Assim, em 1885, o futebol profissional foi introduzido, mas havia muitos praticantes amadores que não o praticavam pela falta de espaço. Desse modo, em lugares cobertos e com espaço reduzido, foi desenvolvido um jogo de dribles chamado “Drible Game”, que foi se modificando e sendo difundido em várias culturas (APOLO, 2004).

Destarte, o surgimento do futsal, com a existência do *Drible Game*, ganha mais uma escola que luta pela paternidade do esporte. Isso se dá, pois há uma grande discussão em torno da origem do futebol de salão, na qual, o Brasil e Uruguai também pelem pela criação desse desporto. Porém, se nos embasarmos na literatura, a versão inglesa fica para trás, visto que a grande maioria das obras, que abordam o assunto, fica em dúvida quanto às versões entre os países sul-americanos.

O tom da discórdia é criado a partir do momento em que uma escola se considera a pioneira na prática recreativa, enquanto a outra afirma que é precursora da prática organizada. Dessa forma, como a prática e a organização surgem em locais diferentes, surge o impasse e a imprecisão de afirmar em qual cultura o esporte da bola pesada foi criado (FONSECA, 1997).

A primeira versão e, provavelmente a mais aceita entre os historiadores do desporto, é de que o futsal teve a sua origem nos anos de 1930 e no Uruguai. Embalado pelo bicampeonato olímpico na década de 20, e pelo título mundial de futebol anos mais tarde, o país é tomado pela euforia e grande procura a prática do futebol. Mas, por necessitar de um grande número de jogadores e de um espaço amplo, os uruguaios improvisam utilizando quadras de basquete e salões de baile. No entanto, por tal espaço apresentar proporções menores do que um campo foi necessário algumas adaptações nas regras.

Desse modo, segundo Fonseca (1997, p.13), as primeiras regras desse esporte, conhecido até então como o “futebol de rua”, foram redigidas pelo professor Juan Carlos Ceriani, em 1933, baseadas no futebol, onde consistia o jogo com os pés; no basquete, onde foram aproveitadas as dimensões da quadra; no handebol, onde foi idealizado a trave e a área; e no pólo aquático, regulamentando que o goleiro não poderia sair da área.

Diretor da ACM de Montevideú, Ceriani, alguns anos depois de redigir as regras, as apresenta em um curso promovido pelo Instituto Técnico da Federação Sul-Americana de ACM's, que contava com representantes de todos os países da América do sul. Assim, segundo Tolussi (1982, p.9), estavam presentes no curso, o professor João Lotufo da ACM de São Paulo, Asdrúbal Monteiro e José Rothier, incumbidos de difundir as regras nas entidades brasileiras.

Contudo, anos mais tarde, em setembro de 1936, num artigo publicado por Roger Grain, no número 06 da revista de Educação Física, algumas normas e regulamentações para o Futebol de Salão foram escritas. Nessa época, ainda se jogavam com seis ou sete jogadores e as regras ainda não eram bem definidas, de maneira que Grain teve um papel importante em redigir algumas regulamentações. Entretanto, para os uruguaios, a regra foi apenas adaptada, visto que Ceriani as havia escrito anos antes, mas para os brasileiros, as regras finalmente haviam sido consolidadas.

É exatamente nesse momento da história que encontramos a controvérsia na criação do Futebol de Salão. A segunda corrente, menos aceita pela literatura e pela maioria dos profissionais do esporte, defende a criação da modalidade no Brasil. Diz, também, que jovens paulistanos, no ano de 1930, praticavam o esporte como forma de recreação. Esta linha de pensamento não reconhece as regras de Ceriani e afirma que o esporte é genuinamente brasileiro, já que as regras foram escritas por Grain, em 1936 (FONSECA, 1997).

Assim, toda a discussão está no fato dos brasileiros afirmarem que o mais importante é a prática inicial, visto que jovens paulistanos já o faziam no ano de 1930. Porém, uruguaiois rebatem dizendo que o importante é a regulamentação do esporte, feita por Ceriani em 1933, de maneira que a prática pode ocorrer em qualquer local ou ocasião, mas que de nada adianta se não podem comprová-la. Desse modo, com esse argumento, a primeira versão ganha mais respaldo e é mais aceita.

Deixada as divergências de lado, seguimos em 1936, depois do artigo de Grain, já que ambas as versões seguem a mesma vertente a partir daí.

O fato é que na década de 40, o futebol de salão começou a ganhar espaço na cultura, não só dos países que disputam sua paternidade, mas também em outras culturas sul-americanas e européias. De forma que, passou a disputar a atenção com outras modalidades em clubes e colégios da época. Assim criou-se na ACM, em São Paulo, em 1942, a Comissão de Futebol de Salão. E, dez anos mais tarde, o paulista Habid Maphuz, um dos principais responsáveis pela difusão da modalidade no Brasil, cria a Liga de Futebol nas ACM's.

Isso faz com que o esporte ganhe mais praticante e surge a necessidade de unificação das regras. Assim, é inegável que, na década de 50, o futsal decolou de vez no cenário nacional e mundial. De acordo com Apolo (2004, p.5), “em 1954, foi fundada no Rio de Janeiro a Federação Metropolitana de Futebol de Salão. No ano seguinte, em São Paulo, a Federação Paulista. Essas (...) foram responsáveis pelos primeiros intercâmbios “Salonistas” no Brasil”.

Também em 1954, surgiu a Federação Mineira de Futebol de Salão, seguidas, dois anos mais tarde, pela criação das Federações cearenses, paranaenses, gaúcha e baiana. Nesse mesmo ano, o paulista, Luiz Gonzaga de Oliveira Fernandes, escreve o primeiro livro de regras que, posteriormente, foi adotado pela entidade que comandava o futsal em 1971, a Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA).

Em 1958, a CBD, Confederação Brasileira de Desportos, oficializa o esporte em todo o país e decide criar o Conselho Técnico de Futebol de Salão. Com esse órgão, as regras passam a ser unificadas e fica mais fácil a realização de torneios interestaduais e municipais. Com isso, em 59, a seleção estadual dos cariocas ganha o Primeiro Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais.

Na década de 60, foi fundada a Confederação Sul-Americana de Futebol de Salão. Com isso o esporte, definitivamente, conquistava o continente, realizando campeonatos Sul-Americanos de Clubes e Seleções nacionais. E vale ressaltar que a Federação Uruguaia só surgiu em 1965, mostrando como, apesar da disputa na origem do esporte, o Brasil sempre foi pioneiro na evolução do futebol de salão.

Como dito anteriormente, em 1971 é criada a FIFUSA, cujo presidente era João Havelange, e nessa mesma década, ocorreram os primeiros jogos Pan-Americanos, seguido pelos mundiais de Clubes e Seleções nos anos 80. Nessa década, ocorreu também a extinção da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), na qual o Futebol de Salão era vinculado, para se filiar na recém fundada Confederação Brasileira de Futebol de Salão, cujo primeiro presidente foi Aécio Vasconcelos. No entanto, mesmo com a criação da nova confederação, o esporte ainda era vinculado a FIFUSA (APOLO, 2004).

Esta, por sua vez, organiza então o primeiro campeonato mundial em 1982, realizado aqui no Brasil, no qual nos sagamos campeões. E, três anos mais tarde, em 1985, repetimos a façanha conquistando o bicampeonato na Espanha. Porém, no mundial de 88 na Austrália, não logramos êxito, e perdemos o torneio para o Paraguai.

Entretanto, incomodada com o crescimento e o sucesso do Futebol de Salão, a FIFA, que reconhecia apenas o “futebol de cinco”, tentava criar algumas barreiras para a realização de novos torneios organizados pela FIFUSA. Mas, vendo que a segregação entre o Futebol de Salão, praticado principalmente no continente americano, e o Futebol de Cinco, com grande prestígio na Europa, impedia a evolução da modalidade, começa-se algumas negociações entre as entidades. Em 1989, há uma sugestão para que a FIFUSA seja incorporada a FIFA, mas a primeira não aceita. Assim, independente dos acordos, a FIFA passa a reconhecer, além do Futebol Cinco, o Futebol de Salão, o que fez com que o Brasil se desligasse da FIFUSA e se filiasse a FIFA. Desse modo, com algumas renegociações, o ano de 1990 dá fim à queda de braço, e da fusão entre a FIFA e a FIFUSA surge o “Futsal”.

Com algumas diferenças nas regras, a FIFA, agora entidade responsável pelo Futsal, elabora as novas normas para a modalidade, mesclando as regras dos dois antigos desportos. Na década de 90, houve constantes alterações nas leis do Futsal a fim de que o esporte ficasse mais interessante e dinâmico.

É importante citarmos algumas regras que fizeram parte da evolução do Futsal para que esse se tornasse um jogo mais atrativo. Podemos começar com a bola, por exemplo, que antes, mais pesada (por isso o nome de “esporte da bola pesada”) e menor, ganhou tamanho e ficou mais leve; além disso, os goleiros não podiam sair da área, e o que vemos hoje são goleiros especializados com os pés; os laterais e escanteios antes cobrados com a mão passaram a ser cobrados com os pés; não foi mais permitido os goleiros pegarem o recuo com as mãos; foi permitida a realização do gol dentro da área e aprovada a extinção do impedimento (FONSECA, 1997, p.16).

Com isso, as modificações nas regras foram fatores determinantes na evolução da preparação física e da parte tática das equipes. Atualmente o Futsal é um esporte que exige raciocínio rápido e uma condição atlética invejável, já que a dinâmica de jogo ganhou demasiada velocidade.

E é por meio de algumas alterações nas regras, na evolução de todo o departamento profissional e do esporte em si, que o Futsal, no século XXI, é praticado em mais de 70 países e caminha a passos largos para conquistar seu grande objetivo primordial de se tornar um esporte olímpico.

2.5 A Evolução dos Sistemas De Jogo No Futsal

Oriundo da fusão entre o futebol de salão e o futebol de cinco, o futsal tem uma evolução muito rápida durante a década de 90 e início do século XXI. Alguns responsabilizam as regras, outros o preparo dos jogadores, mas o fato é que esse esporte progrediu do ponto de vista político, social, econômico, técnico e científico de maneira espantosa.

Considerado por muitos como um dos esportes mais praticados no mundo, o futsal se torna um jogo muito dinâmico, de raciocínio rápido e com habilidades motoras finas, exigindo muita técnica, capacidade física e inteligência tática. De maneira que, ao demandar

maior quantidade de sessões de treinamento, o jogo passou a ficar dependente de ações táticas em bolas paradas, de esquemas táticos e padrões de jogo idealizados pelos treinadores. Com isso, para os mais cépticos, o jogo ganhou um tom mais “robótico” e mecânico, mas que enalteceu os duelos táticos e a disciplina coletiva.

assim, por ser praticado em uma quadra que corresponde a, aproximadamente, um quinto de um campo de futebol, e praticamente metade dos jogadores, o esporte da bola pesada tem um desenvolvimento mais acelerado. Visto que a menor quantidade de jogadores e espaço catalisa o entrosamento da equipe. O resultado foi a versatilidade de todos os jogadores, incluindo o goleiro, e a necessidade de constante variação dos sistemas durante a partida. Ou seja, os jogadores desenvolveram a capacidade de atuar em todas as posições independentemente do sistema utilizado, mostrando o alto grau de complexidade que o esporte alcançou.

Entretanto, diferente do futebol, a literatura não traz precisamente as datas e locais em que surgiram os sistemas do futsal. Mas algumas obras, ao abordarem o tema, nos trazem uma idéia da evolução que, possivelmente, os sistemas procederam. E é importante ressaltar que, atualmente, durante uma partida, as equipes utilizam diversos sistemas e padrões, de forma que os mais simples e antigos ainda são utilizados.

2.5.1 Os Sistemas de Jogo Do Futsal

2.5.1.1 O 2X2 ou “caixote”

O sistema consiste em dois jogadores na defesa, sendo um Fixo e um dos Alas (direito ou esquerdo), e dois jogadores no ataque, sendo um o Pivô e o outro Ala. E, pela conformação dos jogadores em quadra (figura semelhante a um caixote), o sistema também é conhecido como “caixote” (Figura 25).

Segundo Apolo (2004, p.59), “é o sistema mais adotado nas categorias menores, por ser simples e permitir ao profissional que tem em mãos uma equipe de menor condição técnica, distribuir de forma equilibrada”. E continua, dizendo que esse “foi o sistema pioneiro, que surgiu na década de 1950”.

Por outro lado, Mutti (2003, p. 180) afirma que “o sistema 2x2 não oferece muitas opções de jogadas, em razão da colocação dos jogadores em quadra, o que torna, tanto o ataque quanto a defesa deficientes ou carentes de mais apoio”. Por isso, com a evolução dos sistemas nas categorias profissionais, o “caixote” deixou de ser o mais utilizado, mas é importante ressaltar que ainda podemos encontrar clubes de alto nível desenvolvendo padrões ao utilizarem-no.

2.5.1.2 O “2x1x1”

O sistema consiste em dois jogadores na defesa, sendo um fixo e outro o Ala (esquerdo ou direito), um jogador próximo ao meio, geralmente utilizado mais próximo da linha lateral, desempenhando a função do outro Ala, e um Pivô no ataque (Figura 26).

Alguns autores o consideram como uma variação do 2x2, por ainda ser um sistema simples, tanto defensivamente, quanto ofensivamente, de maneira que também pode ser utilizado nas categorias de base (MUTTI, 2003).

No Futsal profissional, o 2x1x1 é bastante utilizado em lances de saída de bola a fim de ludibriar a marcação pressão do adversário. Isso se dá, pois já ocorre uma aproximação maior de um dos jogadores de frente em relação aos jogadores de defesa. Porém, não é muito adotado pelos treinadores para estabelecerem alguns padrões de jogo por ainda ser considerado simples e limitado.

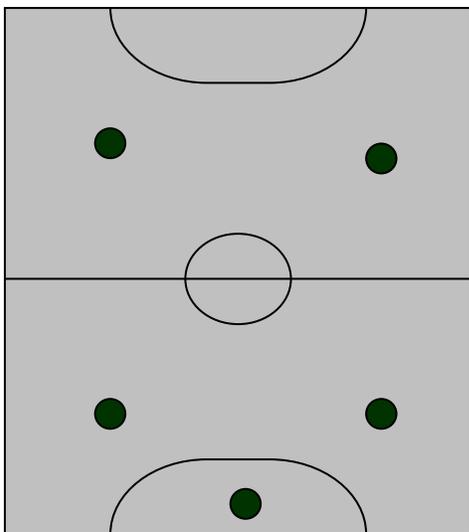


Figura 25: 2x2 “caixote” (1950)

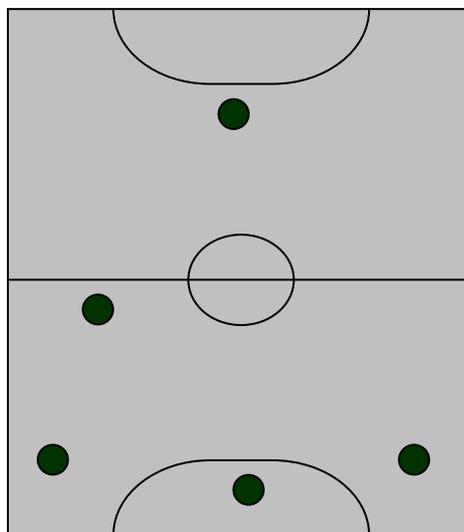


Figura 26: 2x1x1 (S/D)

2.5.1.3 O “3x1 ou 1x3”

O sistema se caracteriza pela existência de dois Alas (direito e esquerdo) próximos a linha central da quadra, um Fixo em frente à área de defesa, um pouco mais recuado do que os Alas, e um pivô que joga mais adiantado no campo de ataque (Figura 27).

Esse, de acordo com Saad e Costa (2001, p.35), é “atualmente o sistema mais utilizado pela maioria das equipes de Futsal, (...) devido ao seu posicionamento, pode-se atacar e defender com três jogadores”. Daí a possível variação do 1x3, onde se utiliza os dois Alas para o ataque.

É importante ressaltar que a progressão desse sistema se tornou possível com a contribuição do desenvolvimento da preparação física dos atletas de Futsal. Já que os dois alas passaram a desempenhar papéis fundamentais, tanto nas saídas de bola quanto no ataque.

Além disso, a complexidade do 3x1 já é maior, haja em vista que, com três jogadores mais próximos, aumenta a possibilidade de combinação de alguns esquemas táticos e padrões de jogo. Com isso, os treinadores desenvolvem alguns “rodízios” para manterem a posse de bola ou até para facilitar a criação de jogadas visando o setor ofensivo.

Desse modo, com um número maior de movimentações em quadra, ocorre também, o desenvolvimento da versatilidade dos jogadores de Futsal, principalmente dos Alas e Fixos.

Estes ampliam suas capacidades técnicas e físicas em detrimento das necessidades que a evolução do esporte criou.

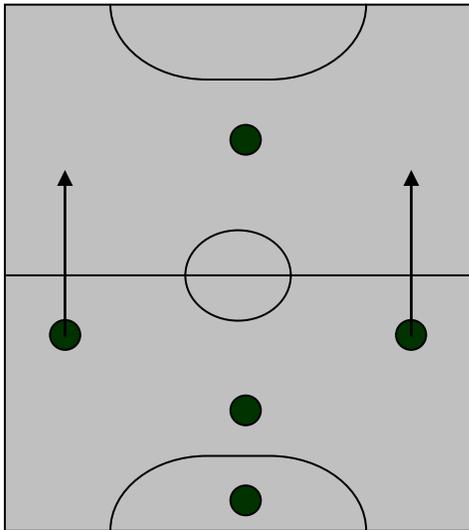


Figura 27: 3x1 ou 1x3 (S/D)

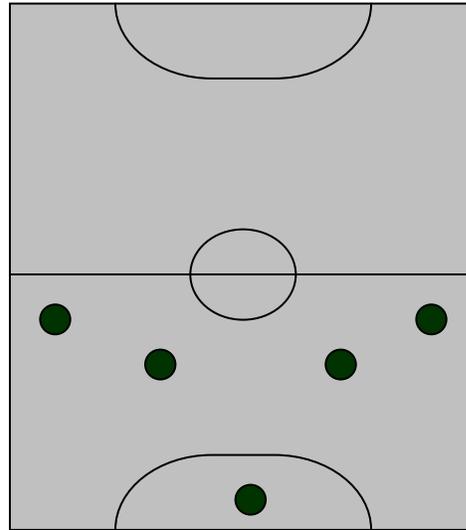


Figura 28: 4x0 (S/D)

2.5.1.4 O “4x0 ou quatro em linha”

É um sistema que consiste em colocar quatro jogadores no setor defensivo para a armação de jogadas. Por isso, também é conhecido como quatro em linha, já que todos os jogadores se posicionam bem próximos de seus companheiros perto da linha central da quadra (Figura 28).

Considerado como o sistema mais moderno do Futsal, o 4x0 tem sido usado com muito sucesso em mundiais e principalmente pelas duas principais seleções do mundo: Brasil e Espanha. É um sistema que exige bastante movimentação e entrosamento dos atletas, pois caso o contrário, facilita o trabalho da marcação. Desse modo, se torna um sistema que possibilita uma gama de movimentos e alternâncias nos posicionamentos, dificultando em demasia a marcação adversária (SAAD & COSTA, 2001; MUTTI, 2003; APOLO, 2004).

Com a capacidade física dos atletas de Futsal atingindo padrões altíssimos, e com os jogadores cada vez menos específicos e mais globais tecnicamente, é possível mesclar os sistemas 2x2, 3x1, 4x0 entre outros, a fim de confundir ainda mais a marcação adversária. E com grandes variações, o Futsal ganha um dinamismo de altíssima qualidade e velocidade,

que fez com que quadras, de 15x30 metros, ficassem pequenas diante de tamanha movimentação. Assim, a maioria das quadras de Futsal que estão sendo construídas possui tamanho máximo para as dimensões oficiais com 20x40 metros.

Contudo, Saad e Costa(2001, p.37) salienta que

“a aplicabilidade e/ou eficiência do sistema 4x0 vai depender do tamanho da quadra. Este sistema deve ser aplicado em quadras grandes, para que o adversário não consiga realizar a cobertura das movimentações nos espaços vazios”.

Isso se deve ao fato de que o 4x0 tem seu ponto forte no espaço defensivo deixado pelo adversário. De modo que, se o adversário marca sob pressão, com apenas um movimento rápido de algum dos jogadores da linha de quatro, o adversário fica muito vulnerável.

Assim, um sistema aparentemente muito defensivo, se torna um dos sistemas mais ofensivos. E apesar de não utilizar nenhum jogador no campo de ataque, não quer dizer que não há jogadores que desempenharão a função de marcar gols. No entanto, se a equipe não possuir atletas de altíssimo nível técnico e com bom entrosamento tático, o 4x0 pode se tornar um sistema pouco eficiente.

2.5.1.5 O “1x2x2 ou 1x4 (casinha)”

O sistema é composto por um “goleiro linha”, que pode ser o próprio goleiro ou um jogador de linha que o substituiu, dois jogadores próximos a linha central dispostos um em cada lado da quadra, e dois jogadores de frente (um a direita e outro a esquerda). Assim, se levarmos em conta os quatro jogadores de linha mais a figura do goleiro, observaremos uma conformação de um pentágono, ou um desenho semelhante a uma “casa”, motivo pelo qual o sistema também é conhecido como “casinha” (Figura 29).

Contudo, vale ressaltar que o emprego desse sistema só foi possível após algumas modificações nas regras que permitiram que o goleiro atuasse fora da sua área de meta. Com isso, podemos notar que as alterações nas regras são fatores muitas vezes determinantes na evolução tática dos esportes, já que leva os treinadores a repensarem novos esquemas e sistemas táticos, como esse.

O 1x4 é utilizado apenas por equipes de alto nível e que contam com a presença de um goleiro, ou jogador de linha que o substitua, com uma boa condição técnica para jogar com os pés e passes precisos. Geralmente o técnico faz a opção do uso desse sistema quando sua equipe está em desvantagem no marcador ou como meio de valorizar a posse de bola. Porém, é raro encontrar equipes que o utilizam no início de uma partida, sendo mais freqüente aos finais das partidas.

A grande vantagem das equipes que o empregam é a superioridade numérica em virtude de atuar com cinco jogadores de linha. Assim, a posse de bola é mantida com maior facilidade, aumentando as chances de finalizações. Em contrapartida, a equipe ao lançar mão do goleiro dentro da área, fica mais exposta a sofrer gols, em caso de perda de bola. Tanto por não ter um jogador próximo a trave para defender os chutes, quanto para aqueles que utilizam jogadores de linha no gol, que possuem uma técnica de goleiro ruim.

Entretanto, o que vemos, atualmente no Futsal, são goleiros com excelentes arremates, com bons fundamentos técnicos na utilização dos pés e que, por isso, passam a ser mais requisitados. É possível que esse requisito venha a fazer parte da exigência para a posição. E que, nitidamente, isso já faz parte da evolução tática no Futsal, assim como a versatilidade atingida pelos jogadores de linha.

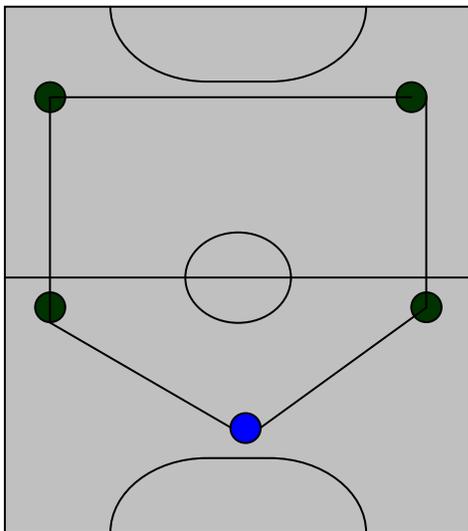


Figura 29: 1x2x2 ou “casinha” (S/D)

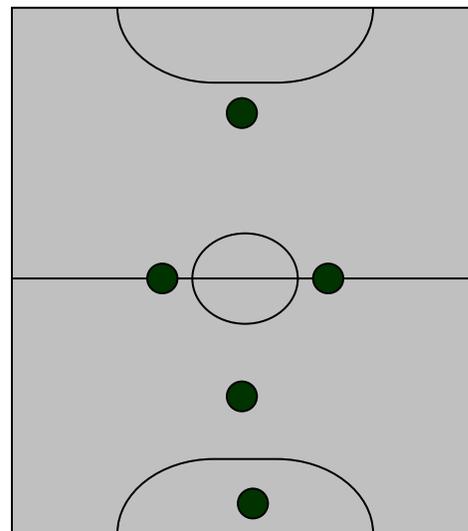


Figura 30: 1x2x1 (S/D)

2.5.1.6 O 1x2x1

O sistema consiste em um Fixo a frente da área de defesa, um Ala direito e esquerdo, próximos a linha central, e um Pivô (Figura 30). Assim como o 2x1x1, é bastante utilizado nos lances de saída de bola, atribuindo grande responsabilidade na reposição e tomada de decisão dos goleiros. Mas, não é citado por muitas literaturas, pois é visto como uma variação do 2x2 que levou ao novo sistema 3x1, com grande semelhança, principalmente na disposição das peças. Com isso, os autores decidem por vinculá-lo ao 3x1. Por esse motivo não vamos falar muito sobre ele, visto que já falamos sobre tal sistema anteriormente, mas é sempre interessante mostrarmos a título de curiosidade.

3. CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

Ao final desse estudo é possível afirmar que o sistema tático, antes desusado pelo futebol, passou a ser um dos fatores influentes e decisivos para os resultados das partidas. À medida que estratégia e tática ganharam importância no âmbito futebolístico, surge a necessidade de introduzir os sistemas de jogo, a fim de que ocorra uma maior organização das mesmas. Ou seja, a distribuição dos jogadores em campo abrolha diante da carência de um agente centralizador, ou um referencial, na coordenação das ações táticas.

Desse modo, além de instruir os jogadores, os técnicos passaram a utilizar os sistemas como primeiro passo para colocar em prática suas idealizações táticas. E, apesar de seu início apenas no final do século XIX, hoje é muito difícil imaginarmos os treinadores segregados de

seus sistemas e esquemas táticos. É escasso, para não dizermos inexistente, algum técnico de futebol ou futsal que, atualmente, não utilize algum sistema tático na distribuição de suas “peças”.

Seja nas quadras ou nos gramados, a ocupação inteligente dos espaços passou a ser uma tendência. Isto é, para se vencer uma partida, profissionais do futebol encontram, na distribuição eficiente dos jogadores, uma das ferramentas táticas mais importantes em busca do rendimento. E, para isso, é interessante notarmos como, ao longo de todo o século XX, treinadores passaram a se preocupar com esse fator e, conseqüentemente, a criar novas alternativas e soluções. E foi em meio a muitas tentativas falhas e outras acertadas, que homens como, Herbert Chapman (WM), Karl Rappan (ferrolho suíço), Alf Ramsey (4-3-3) e Rinus Michels (futebol total), fizeram a evolução dos sistemas do futebol.

Assim, faz-se necessário que analisemos, também, os principais fatores que contribuíram direta e indiretamente nessa evolução. O que levou estudiosos como esses a elaborarem os sistemas que vieram a revolucionar o futebol? Onde buscaram inspiração? E em que se embasaram para realizarem suas reflexões e idealizações? Ao tentar responder indagações como essas, poderemos avaliar melhor os pormenores desse progresso.

3.1 A lei do Impedimento

Para atuar profissionalmente num esporte é imprescindível que se saiba o conjunto de regras que o regem. Para que se alcance um melhor desempenho, é muito importante que os jogadores saibam o que lhes é permitido ou não fazer. No entanto, para o treinador, é indispensável que o mesmo tenha conhecimento das normas daquele desporto, bem como regulamentos dos torneios e o limite de suas ações, para que, a partir daí, ele possa elaborar os esquemas táticos para o melhor rendimento da equipe.

Nesse prisma, a lei do impedimento pode ser considerada como o fator de maior influência na dinâmica do futebol. Como foi possível constatar, a primeira lei surge em 1865,

e recebe alguns “retoques” em 1896, fazendo com que jogadores, antes mais estáticos e próximos as metas, adquirissem maior movimentação, dando maior dinâmica e beleza ao jogo. Também fez com que os atletas, sem posições definidas, obtivessem funções, dando início a idéia de sistema de jogo.

Se o futebol chegou perto de sucumbir até 1896, após a pequena modificação na nova regra, ele se restaura e se desenvolve, de maneira que vive uma autêntica revolução e principalmente tática. Assim, com a definição de posições para os jogadores, é seguro afirmar que, após algumas tentativas de sistemas genuinamente ofensivos, surge a formação Clássica ou Piramidal (2-3-5), que pela primeira vez, equilibra os três setores.

Fruto da primeira lei, o 2-3-5 evoluiu e fez com que, diante da vantagem dos dois zagueiros frente aos cinco atacantes na utilização do impedimento, as partidas perdessem um pouco de seu brilho. Na tentativa de devolver a emoção ao jogo, foi que, em 1925, a FIFA criou a segunda lei do impedimento.

Diante da alteração na regra, os treinadores tiveram que rever algumas posturas táticas e viram a necessidade de mais um zagueiro. E, foi em detrimento a esse “déficit” de zagueiros que Chapman cria o WM (3-2-2-3). Assim, o futebol passou a ser disputado em todas as partes do campo, fazendo com que as equipes pelessem por cada espaço vazio, já que estes se tornaram brechas para que o adversário iniciasse a ofensiva.

Destarte, é possível constatar que foi o WM o primeiro sistema da “era moderna” no futebol. E foi a partir dele, e de suas variações (4-2-4, 4-3-3), que surgiu a inspiração para os sistemas da “era pós-moderna” (4-4-2, 3-5-2). Assim, nota-se como o surgimento das duas leis do impedimento foi um fator determinante na evolução dos sistemas, e influenciou direta, e indiretamente, a evolução tática no futebol.

Faz-se necessário, também, um breve lembrete de que o futebol é o único esporte com essa lei vigente atualmente. E que a retirada dessa regra, em 1990 do futsal, deu maior liberdade e competitividade ao mesmo, de maneira que não há nexos em colocá-la em uma quadra com as dimensões atuais. Mas que, ao contrário do futebol, a anulação da regra do impedimento no futsal, contribuiu de maneira positiva na evolução do desporto.

3.2 Do ofensivo para o defensivo

Se fossemos resumir grosseiramente, em uma frase, os 140 anos de evolução dos sistemas de jogo do futebol, poderíamos dizer que esses passaram de puramente ofensivos para um maior equilíbrio entre os três setores e ênfase maior na disputa pelo meio.

Assim como no início, o objetivo principal do futebol continua sendo o gol. No entanto, se antes as equipes perseguiam tal alvo independente das conseqüências, o futebol passou por um momento de preocupação mais defensiva, até chegar, atualmente, a uma busca de ações estratégicas mais cautelosas a fim de atingir o gol adversário.

Ou seja, no início do século XX, o futebol tinha uma preocupação totalmente ofensiva, imaginando que se tomassem dois ou três gols, poderiam fazer quatro ou cinco, sendo suficiente para ganhar o jogo. Ao final da década de 70 e durante os anos 80, muitos treinadores pensavam que mais valia um empate a perder o jogo, já que a vitória valia apenas dois pontos. De maneira que se preocupavam mais em não tomar gols. O que vemos nos anos 90, e início do século XXI, são grandes disputas pelo meio-de-campo. Os jogos se tornam verdadeiros “duelos de xadrez”, com seus treinadores armando seus sistemas e esquemas táticos na luta pelo meio, pois acreditam que com o domínio do mesmo, as ações táticas, para se chegar ao gol adversário, ganham maior perspectiva (Figura 31).



Figura 31: As características dos sistemas na evolução tática do futebol

Se observarmos a Figura 31, podemos constatar que no primeiro momento, qualificado como mais ofensivo, a quantidade de jogadores de ataque, nos sistemas táticos, geralmente é maior (Ex: 2-3-5). Já segundo, ocorre o contrário, em três, dos cinco sistemas citados, o número maior é o que simboliza a defesa (Ex: 5-3-2). E por último, em todos os sistemas citados, a quantidade de jogadores no meio é sempre maior (Ex: 3-6-1).

Podemos concluir, portanto, que os sistemas táticos elaborados pelos grandes treinadores são acompanhados pela tendência apresentada pelo futebol em determinados

períodos da história. Ou seja, no momento em que a predominância das equipes é o ataque a qualquer custo, os treinadores armam seus sistemas com um número maior de jogadores no setor de ataque. Assim como vemos hoje grande disputa pelos espaços vazios e pelo meio, fazendo com que os técnicos desenvolvam suas formações com superioridade numérica no centro.

Assim como a tendência do futebol vai sendo alterada, os sistemas, de “mãos dadas” com as táticas, vão se transformando. Bem como o perfil dos craques, que vão se modificando conforme as novas exigências do jogo. No século XIX, havia a escassez de passes, sendo o futebol, um jogo de predomínio individual. Isso fazia com que os bons jogadores fossem aqueles mais “dribladores” e que tivessem boas corridas como Friedenreich (grande jogador brasileiro da primeira década do século XX).

Mais adiante, até meados do século XX, destacavam-se os jogadores que apresentavam uma capacidade física superior, com boa velocidade e força muscular, como é o caso de Puskas (atacante húngaro com boa velocidade) e Pelé (o maior jogador de todos os tempos e com uma força rápida acima dos adversários).

Com o nivelamento físico e técnico, os craques dos anos 90 eram aqueles jogadores que, em meio a um futebol mais dinâmico e com menos espaço, achavam “buracos” na defesa adversária e criavam jogadas inusitadas com bons passes e assistências. Nessa mesma década, a FIFA cria a “Bola de Ouro”, prêmio dado ao melhor jogador do ano, que frequentemente eram meias de criação ou atacantes.

Entretanto, a maior carga de treinamento fez com que as equipes ficassem niveladas, de forma que cada vez foi se tornando mais difícil a criação de jogadas. Assim, a maior incidência de gols começou a surgir nos erros adversários, contra-ataques e nas jogadas de bola parada (faltas e escanteios).

Estas, por sua vez, deram oportunidade para que jogadores de defesa, como goleiros e zagueiros de grande estatura, acostumados a cobrarem tiros de meta e com boa impulsão, surpreendessem no ataque marcando gols. Ao passo que grandes defesas e desarmes precisos também passaram a ser apreciados e valorizados no futebol. Com isso, em 2006, a FIFA dá a Fabio Canavarro a “Bola de Ouro”, como melhor jogador do ano. Algo inédito no âmbito futebolístico, visto que pela primeira vez na história do futebol, um zagueiro ganha o prêmio de melhor jogador do ano.

Portanto, tanto coletivamente (vide evolução dos sistemas), quanto individualmente, (vide valorização dos goleiros e zagueiros), a evolução do futebol passou de puramente ofensiva para uma maior apreciação estratégica de meio e boas ações defensivas. Lembrando que, por outro lado, ainda há muitos amantes do esporte bretão que encontram no jogo ofensivo a beleza de um bom futebol.

No futsal não é diferente. Se analisarmos a evolução dos sistemas, notaremos que o número de jogadores no campo de ataque foi diminuindo. Antes eram dois, passando a ser um e depois nenhum.

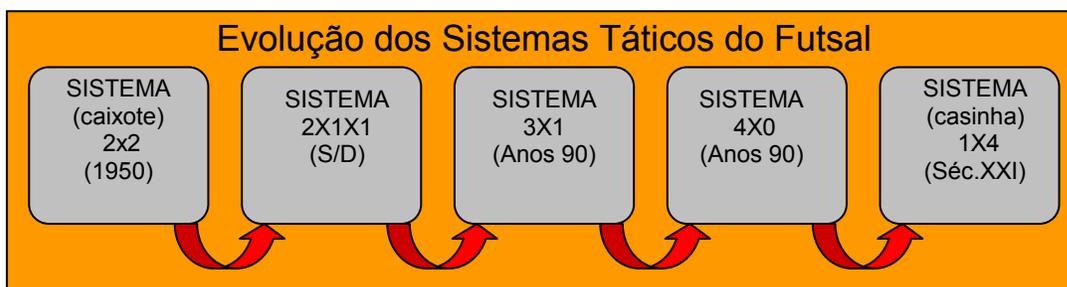


Figura 32: Evolução dos sistemas táticos do futsal

É interessante observarmos que com a alteração das regras surgiu a formação “casinha”, ou 1x4, onde o goleiro pode jogar com o pé fora da área. Como vimos, é um sistema utilizado geralmente aos finais das partidas, mas a tendência é que seja utilizado também durante os jogos, visto que os goleiros de futsal estão desenvolvendo a técnica com os pés. Porém, se levarmos em conta apenas os sistemas com quatro jogadores, constatamos que houve uma redução no número de jogadores de frente.

No entanto, apesar das novas formações contarem com cada vez mais jogadores no seu campo de defesa, não significa que ficaram mais defensivas. É sabido que, nos sistemas mais modernos de futsal, os jogadores recebem, e são capazes de executar, múltiplas funções. Essa versatilidade fez com que os jogadores adquirissem a capacidade de jogar como fixos, alas ou pivôs, ocorrendo constantes rodízios de posições. Ao passo que, quando se joga no 4x0, isso não denota apenas quatro defensores e nenhum atacante, mas sim quatro jogadores polivalentes, que atacam e defendem.

Portanto, tanto no futsal, como no futebol, o fato de sistemas táticos contarem com mais jogadores no meio ou na defesa, não significa que são mais defensivos. Mas ganham mais um jogador na marcação e que, com boa capacidade física, é capaz de continuar cumprindo as ações ofensivas. Dessa forma ocorre uma evolução, pois você conta com mais um jogador para proteger, direta ou indiretamente, sua meta, ao passo que o mesmo também contribui no setor ofensivo.

Porém, é interessante ressaltar que isso foi possível, pois houve uma evolução na preparação física dos jogadores. Como dito anteriormente, os atletas passaram a ter a capacidade de atacar e defender, de atuar em outras posições e de se deslocar mais durante as partidas, pois desenvolveram um bom preparo físico.

3.3 Preparação Física

A preparação física começou a ser valorizada no início da década de 60. A evolução dessa influenciou em demasia o setor tático do futebol, trazendo grandes mudanças para os jogadores que, dispondo de um melhor rendimento físico, se tornaram multifuncionais dentro dos sistemas táticos.

Além disso, muitos treinadores que consideravam suas equipes inferiores tecnicamente encontraram, na preparação física, uma forma de compensação. Foi o caso, por exemplo, da Inglaterra na Copa de 1966, conhecido como futebol força. Mas também, há histórico de treinadores que utilizaram a capacidade atlética como forma de impor suas idealizações táticas, como a Holanda de 1974, com seu futebol total e seus jogadores apresentando grande versatilidade.

O fato é que a evolução da parte física foi um dos fatores de maior influência na transição para o futebol moderno e pós-moderno. A dinâmica do jogo ganhou velocidade, os atletas passaram a exercer mais funções, os atletas passaram a se deslocar mais e permitiu aos técnicos colocarem em prática um número maior de ações táticas. Por isso podemos concluir que a base de sustentação das ações táticas está na preparação física somada à técnica dos jogadores. Isto é, se não houver uma boa capacidade física, ou uma técnica desenvolvida, por parte dos atletas, a parte tática fica comprometida.

No futsal não é diferente. A grande evolução dos novos sistemas táticos do futsal deve muito a preparação física do futsal. Com um rápido progresso, tanto nas regras, quanto na parte física, o esporte ganhou velocidade e, conseqüentemente, brilho. Tornou-se mais atraente, com mais praticantes e hoje luta para se tornar um esporte olímpico.

Muitos jogadores de futebol não conseguem se adaptar ao futsal por necessitarem de uma resistência de predomínio anaeróbico, e não aeróbico como estão acostumados, e vice-versa. A grande versatilidade atingida pelo futsal, facilitada pela quantidade menor de jogadores, se comparado ao futebol, só se tornou possível pela evolução na preparação física. E esta ocorreu em ritmo tão acelerado, que esse esporte evoluiu, também taticamente, de maneira espantosa.

Os sistemas de jogo 3x1 e 4x0, só se tornaram possíveis pela maior capacidade física dos atletas e pela melhoria na diversificação técnica pelos mesmos. São sistemas que requerem bastante movimentação e, principalmente, inteligência tática.

Assim podemos notar que, em ambas as modalidades, a introdução da preparação física revoluciona os sistemas táticos. Estes passam a ser arquitetados pelos grandes treinadores de maneiras diferentes, visto que os jogadores ganharam mais um recurso. Ao passo que essa evolução tática se deu de maneira que os técnicos passaram a recuar os jogadores de frente, que com mais capacidade física passaram a diversificar os esquemas táticos e puderam realizar, além da tarefa ofensiva, o trabalho de marcação. (Ex: do 4-3-3 para o 4-4-2; ou do 2x2 para o 3x1 e 4x0).

Porém, a preparação física contou com uma grande aliada nesse processo catalisador da evolução: a ciência.

3.4 A Ciência Esportiva

Apesar de não ter sido muito trabalhado esse tópico na pesquisa, é interessante reconhecer certa influência que o mesmo trouxe a evolução dos sistemas táticos.

A evolução científica deu grande salto na década de 80 com a Guerra Fria. Esta ocorreu tanto no âmbito econômico e político, quanto no campo esportivo. De forma que, Estados Unidos e Rússia, utilizavam o esporte como forma de demonstrar sua supremacia.

Essa disputa acarretou num grande “empurrão” no setor físico e tático dos esportes e, por que não, também do futebol e futsal.

Assim, é sabido que treinadores, jogadores, preparadores físicos e dirigentes adquiriram, por meio de um avanço científico e tecnológico, uma maior inteligência tática e uma capacidade atlética muito superior aos não atletas.

Portanto, podemos deduzir que o futebol e o futsal não são esportes empíricos e, por isso, estão vinculados ao desenvolvimento mundial, do ponto de vista econômico e político. Em decorrência dessa relação, vimos que os sistemas táticos se modificaram bastante a partir dos anos 80, sustentados por um bom fomento científico.

No entanto, apesar de evoluir de forma acelerada, após o grande desenvolvimento científico dos anos 80, os sistemas de futebol e futsal percorrem veredas opostas. A fusão do futebol de salão e do futebol de cinco que deu origem ao futsal, fomentado pelo avanço científico, desenvolveu uma gama de novos sistemas. Enquanto que ocorreu certa estabilidade nos sistemas do futebol, que, ao invés de criar novos sistemas, aperfeiçoou o 4-4-2 e o 3-5-2 com novas variações.

3.5 Os Sistemas Campeões

Assim como grifes famosas utilizam modelos e passarelas para exibirem seus materiais a fim de colocar e expor as novas tendências no mundo da moda, o futebol o faz com a Copa do Mundo. É, sem dúvida, um dos maiores, se não o maior evento esportivo no mundo.

Num torneio como esse, as seleções, na disputa pelo título mundial, colocam em evidência os maiores jogadores, os melhores e mais novos materiais esportivos e ditam as novas tendências do futebol mundial no âmbito físico, técnico e tático. Como o “senso comum” ou o “achismo” fazem do futebol um esporte imediatista e de resultados, é

interessante que mostremos os sistemas táticos utilizados pelas equipes campeãs da Copa do Mundo (Figura 33).

| SISTEMAS | ANO | SELEÇÃO CAMPEÃ | PAÍS SEDE |
|-----------------------------------|------|--------------------|----------------|
| "Clássico" 2-3-5 | 1930 | Uruguai | Uruguai |
| | 1934 | Itália | Itália |
| | 1938 | Itália | França |
| "WM" 3-2-2-3 | 1950 | Uruguai | Brasil |
| | 1954 | Alemanha | Suiça |
| 4-2-4 | 1958 | Brasil | Suécia |
| | 1962 | Brasil | Chile |
| 4-3-3 | 1966 | Inglaterra (4-4-2) | Inglaterra |
| | 1970 | Brasil | México |
| | 1974 | Alemanha | Alemanha |
| | 1978 | Argentina | Argentina |
| | 1982 | Itália | Espanha |
| | 1998 | França (4-2-1-3) | França |
| 3-5-2 | 1986 | Argentina | México |
| | 1990 | Alemanha (20/24) | Itália |
| | 2002 | Brasil | Coréia-Japão |
| 4-4-2 | 1994 | Brasil | Estados Unidos |
| 4-5-1 | 2006 | Itália (4-4-1-1) | Alemanha |

Figura 33: os sistemas utilizados pelos campeões na Copa do Mundo

Como podemos observar o sistema mais vitorioso na história das Copas, com seis títulos, é o 4-3-3, seguido pelo 3-5-2 e o 2-3-5 com três títulos cada um. É interessante notar que esse mesmo sistema chega a lograr êxito com a França, em 1998, depois de trinta e dois anos de seu surgimento, devido a algumas transformações que modernizaram sua forma de execução. Mas devemos tomar cuidado ao dizermos que o 4-3-3 é o melhor sistema, já que ocorreram grandes mudanças no âmbito futebolístico e que houve grande redução no número de seleções que ainda o utilizam. Porém, podemos dizer que é a formação que mais tempo perdurou, e ainda tem sido empregada, em toda a evolução dos sistemas de futebol.

Além disso, podemos constatar que houve certa cronologia nas vitórias dos sistemas e que os resultados das Copas traduzem essa tendência. Ou seja, podemos ver claramente certa proximidade entre os sistemas campeões e a época em que ocorreram. A maioria dos

sistemas consegue bons resultados em até aproximadamente uma década, sendo logo superado por outros sistemas. Ao olharmos para o quadro 1, vemos que em setenta e seis anos de Copa, apenas sete sistemas alcançaram o primeiro lugar. Isso nos dá uma média de mais ou menos onze anos entre o “reinado” de um sistema e outro, o que quase acontece cronologicamente.

Outro fator pertinente é variedade na utilização dos sistemas pós-modernos. Na década de 90, pela primeira vez na história das Copas, três sistemas diferentes conquistam o título: 3-5-2 em 90, 4-4-2 em 94 e o 4-2-1-3 (ou 4-3-3) em 98. E, oito anos mais tarde, o 4-5-1 (4-4-1-1) inaugura mais um sistema no “*hall*” dos vitoriosos. Assim, podemos dizer que, em 18 anos, quatro sistemas diferentes foram campeões em Copas.

No entanto, se observarmos quais foram os sistemas campeões nesse curto espaço de tempo, apesar da aparente inconstância de um sistema predominante, podemos notar certa estabilidade na forma com que é jogado o futebol e certo equilíbrio entre os três setores. Não vemos mais tanto desequilíbrio entre a defesa, o meio e o ataque das equipes. De forma que, se o treinador opta por três zagueiros, compensa com cinco jogadores no meio, ou se opta por dois zagueiros e dois laterais, pode usar quatro no meio, ou ser mais ofensivo colocando três no meio e mais três atacantes. Porém, atualmente, o 3-5-2 e o 4-4-2 têm a preferência dos treinadores que, em virtude da partida, ensaiam variações com um ou três atacantes.

Contudo, a escolha do número de atacantes pode ser considerada como um dos fatores mais evidentes na evolução dos sistemas. Se olharmos novamente para o Quadro 1, notaremos que a partir de 1958, o número de atacantes vem decrescendo gradativamente. Começou com cinco, na década de 30, passou a ter três no WM, mas logo veio a opção por quatro no 4-2-4. Daí em diante, o número foi sendo reduzido até chegar ao 4-5-1 em 2006. Já o meio variou bastante, mas com as disputas e a valorização do mesmo, o número tendeu ao aumento. E a defesa, com exceção do Clássico, variou entre três e quatro jogadores.

Destarte, é importante que o técnico de futebol, para escolher sua formação, responda a seguinte reflexão: deve o sistema se adequar aos jogadores ou os jogadores ao sistema?

Essa é uma questão aparentemente simples, mas que muitos treinadores possuem pontos de vistas diferentes quanto à resposta. Mas, acreditamos que a maioria dos técnicos atuais opte pelo primeiro. Ou seja, que o sistema é escolhido de acordo com as “peças” que o

treinador possui. Mas há outros mais sensatos que afirmam que, tanto jogadores quanto sistemas são relevantes na escolha do mesmo.

Por isso, atualmente, apesar da hegemonia do 4-4-2 e do 3-5-2, a grande variedade de sistemas vitoriosos é explicada por haver uma tênue diferença entre eles. A escolha da formação vai depender da Escola e do conhecimento que o treinador possui sobre o sistema, do elenco que tem nas mãos, da situação em que se encontra na tabela e, às vezes, pelo tamanho do campo, entre outros fatores. Assim, mesmo que o 4-3-3 tenha sido o sistema com mais títulos mundiais, pode ser que não seja mais eficaz em outras equipes, caso não atenda a alguns fatores como os citados a cima.

No futsal, pelos sistemas apresentarem uma grande variação durante a partida e pela falta de literatura sobre tal tema, não é possível dizermos com precisão qual foi o sistema vitorioso nos mundiais. No entanto, o que podemos afirmar é que a tendência na redução de jogadores de frente fez com que, atualmente, as principais seleções como Brasil e Espanha tivessem preferência pelo 4x0. Assim como há alguns anos, por volta do final dos anos 90, as principais equipes utilizavam o 3x1. E nos primeiros mundiais a opção era pelo 2x2.

É importante frisar que a escolha do sistema no futsal terá grande peso na definição dos padrões de jogo. Portanto se uma equipe tem mais padrões no sistema 3x1, a mesma optará, com maior frequência, por tal sistema. Mas normalmente as equipes desenvolvem padrões nos mais variados sistemas a fim de ludibriar, com maior eficiência, seus adversários. Por esse motivo, é possível observarmos o sistema predominante por uma equipe durante uma partida, mas é impreciso e incomum, dizermos que uma equipe atuou com apenas um sistema.

3.6 Tendência Futura dos Sistemas Táticos

A evolução dos sistemas táticos sempre foi gerada por uma dialética entre o ataque e a defesa. Para toda ação ofensiva sempre houve uma resposta defensiva a fim de tentar neutralizá-la. O que gerava uma nova elaboração ofensiva para contrapor a anterior, na tentativa de superar a “réplica” desenvolvida pela defesa. Esse movimento de ação (mudança

tática do ataque) e reação (resposta dada pela defesa) gerou tal dialética de modo que foi um fator determinante no desenvolvimento dos sistemas de jogo.

Assim, foi possível observar no setor defensivo constante mudanças no número de defensores ou na forma de posicioná-los, após uma modificação no setor ofensivo. Podemos citar o surgimento do WM como exemplo. Surgiu, em 1925 depois da alteração na regra do impedimento, diante da necessidade do terceiro zagueiro, vindo a substituir o 2-3-5 que contava com apenas dois homens na defesa. Mas logo aparece o 4-2-4, para que o ataque ficasse em vantagem numérica novamente. Porém, a fim de ter uma maior estabilidade defensiva, mais um homem é recuado ficando com quatro zagueiros. Desse modo, ataque e defesa foram se moldando de acordo com a necessidade e modificando seus sistemas.

Entretanto, se anteriormente as principais “batalhas” eram travadas nos setores ofensivos ou defensivos, assistimos, atualmente, grandes disputas estratégicas pelo meio-de-campo. Na última década houve uma hegemonia na escolha pelo 3-5-2 e 4-4-2, sistemas que acusam grande disputa pelo centro. As possíveis variações foram criadas, geralmente, na formação dos jogadores de meio-de-campo sob uma perspectiva apelidada com desenhos geométricos. Como o quadrado (vide figura 17) ou losango (vide figura 18) do 4-4-2, ou o triângulo para cima (vide figura 20) ou para baixo (vide figura 21) do 3-5-2.

Outras variações surgiram na subdivisão dos homens de meio. Como o 4-3-1-2 (vide figura 19), ou o 3-4-1-2, ou o 4-2-1-3. O fato é que os treinadores têm procurado elaborar sistemas que, cada vez mais, sejam capazes de assegurar o meio campo, mas sem perder a ofensividade. Com isso, pudemos ver a introdução, nos últimos dez anos, de sistemas como o 4-5-1 ou o 3-6-1, e suas possíveis variações como o 4-4-1-1 (Itália na Copa de 2006) ou 3-3-3-1 (Argentina na Copa de 2002).

Desse modo, seus treinadores acreditavam ser possível recuar um de seus atacantes para o meio, de modo que o mesmo também pudesse contribuir nas ações defensivas. Diante disso, surge uma tendência de escalar um sistema para defender e outro para atacar, como foi o caso da França em 2006, onde defendiam no 4-5-1, mas como dois jogadores de meio ajudavam no ataque, podíamos dizer que atacavam no 4-3-3.

Entretanto, é interessante ressaltar que tal mudança não ocorre empiricamente. Ou seja, para que essas mudanças táticas acontecessem eficientemente, é necessário que a mesma seja embasada e acompanhada por um avanço do ponto de vista físico, técnico e

científico. Físico, pois a nova função solicita mais resistência e força, pela distância percorrida e a rapidez ao apoiar. Técnico porque o jogador executará funções as quais não está acostumado, ou está despreparado. E científico, já que as mudanças exigem um maior conhecimento teórico e um estudo cauteloso dos potenciais que a alteração pode proporcionar.

Assim, acreditamos que a tendência será vermos os sistemas como o 4-5-1 e o 3-6-1 ganharem cada vez mais espaço nas pranchetas dos técnicos de futebol. Ao passo que os preparadores físicos terão a responsabilidade de desenvolver as novas valências físicas dos jogadores diretamente afetados pelas mudanças.

Ainda sob o prisma da preparação física, acreditamos que a última Copa do Mundo já demonstrou fortes indícios sobre a volta do futebol força. Em decorrência da rápida dinâmica em que o futebol se encontra atualmente, ocorreu a redução de espaços vazios, fazendo com que aumentasse o número de choques entre os jogadores. Isso fez com que “craques” como Ronaldo, Kaká, Ronaldinho, Adriano e outros, desenvolvessem o aumento da massa muscular, dispondo de mais potência e maior força física a fim de ganharem arranque, aceleração e maior resistência aos choques advindos de zagueiros e fortes marcações.

Além disso, se fizermos algumas reflexões sobre o tamanho do campo de futebol, poderemos afirmar que é o único esporte que as dimensões são virtuais. Isto é, pela existência da regra do impedimento, o atacante não pode atuar atrás da linha defensiva, de maneira que, apesar do campo dispor de mais ou menos 100 metros, hoje assistimos a um futebol jogado em um campo de aproximadamente 30 a 60 metros. Assim, pelas linhas defensivas adversárias atuarem muito próximas uma das outras, no futebol atual, o campo real ganha novas dimensões virtuais, fazendo com que as ações de jogo sejam reduzidas a uma faixa de extensão virtual menor que a real.

Desse modo, pensamos que a resistência aeróbica, antes imprescindível aos moldes do futebol dos anos 70, 80 e 90, começa a dar lugar a resistência anaeróbica e a força rápida, visto que o campo virtual de hoje tem dimensões menores. Porém, lembramos que a resistência aeróbica ainda é muito importante, principalmente aos jogadores de meio campo.

Assim, com as equipes mais compactas, e com maior disputa pelo meio, podemos pensar que a tendência, de acordo com toda a evolução dos sistemas, é daquele único atacante também voltar e compor o meio com mais um jogador. Com isso, os treinadores

escalariam suas equipes com apenas dois setores, sendo o ataque um setor virtual. Desse modo, as escalas das equipes seriam provavelmente um 3-7-0 ou 4-6-0.

Muitos, talvez, pensariam que o futebol ficaria muito defensivo. No entanto, como as equipes estão cada vez mais compactas, a ação de jogo fica reduzida a uma faixa menos extensa do campo, proporcionando às equipes defenderem com seis ou sete jogadores no meio, e ao mesmo tempo atacarem com três ou quatro jogadores simultaneamente. Portanto, por mais estranho que pareça, o futebol poderia ganhar mais poder ofensivo.

Um exemplo no qual podemos nos embasar para tal previsão, é a evolução dos sistemas táticos do futsal. Talvez por ser jogado em uma quadra de menores dimensões e com metade dos jogadores, o futsal teve o seu desenvolvimento mais precoce, mas que podemos nos espelhar para estudar algumas tendências que poderão acontecer no futebol. Como, por exemplo, a introdução do 3x1 e do 4x0.

Quando as equipes passaram a jogar no 3x1, talvez alguns estudiosos pensassem que o futsal ficaria mais defensivo. Mas o novo sistema, aliado ao desenvolvimento da preparação física, permitiu à equipe a defender-se com três jogadores e a atacar com três, diferente do sistema anterior que se defendia e atacava com dois. E assistimos também, a uma evolução que nunca pensaríamos que pudesse acontecer com a existência do 4x0. A linha de ataque ficou virtual, já que não possuía nenhum jogador pré-escalado. Mas, contrariando novamente as expectativas, os treinadores fizeram com que seus times atacassem e defendessem com quatro jogadores, se tornando mais ofensivo.

Além do mais, o que vimos no futsal, com os jogadores posicionados de maneira mais compacta, foi uma gama maior de opções e variações de padrões de jogo, ao passo que dificultou a marcação pela maior imprevisibilidade ofensiva.

Assim, se traçarmos um paralelo para o futebol, acreditamos que o maior número de jogadores no meio campo, além de reforçar o combate no centro, trará uma combinação maior de jogadas para o ataque dificultando as ações defensivas adversárias pela imprevisibilidade.

Por isso, acreditamos que a tendência dos sistemas táticos do futebol seja tornar o setor de ataque virtual e dar maior reforço ao meio-de-campo. Assim, assistiríamos nas Copas de 2010 e 2014 a predominância dos sistemas 3-6-1 e 4-5-1. E, alguns anos mais tarde, o surgimento do 3-7-0 e 4-6-0.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOLO, A. **Futsal: metodologia e didática na aprendizagem**. São Paulo, SP: Phorte, 2004.

BORSARI, J.R. **Futebol de Campo**. São Paulo: EPU, 1989.

CABRAL, C.P. **História do futebol mundial**. 1 ed. São Leopoldo, RS: Símbolo Propaganda, 1978.

DRUBSCKY, R. **O universo tático do futebol**. 1.ed. Belo Horizonte, MG: editora health,

2003.

FONSECA, G.M. **Futsal: metodologia de ensino**. Caxias do Sul, RS: Educs, 1997.

FRISSELLI, A; MANTOVANI, N. **Futebol teoria e prática**. São Paulo, SC: Phorte,1999.

GIL, A.C. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo, SP: Editora Atlas S.A, 1996.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**. 1.ed. São Paulo, SP: nova alexandria, 2002.

GAMA, L. **A evolução dos sistemas de jogo do futebol**.13 f. Monografia. 2004 (Graduado em Educação Física) - Disponível em: <<http://www.cidadedofutebol.com.br>> Acesso em: 7 de janeiro de 2007.

HERMANN, N. **O que você precisa saber sobre: Hermenêutica e educação**. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2002.

MELO, R. S. **Sistemas e Táticas para o futebol**.2.ed.São Paulo, SP: Sprint, 2001.

MUTTI, D. **Futsal: da iniciação ao alto nível**.2.ed.São Paulo, SP:Phorte,2003.

NEGRINI, A. **Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa**. 2.ed.Porto Alegre, RS: editora da ufrgs, 2004.

PAOLI, P. **Treinamento tático no futebol – vídeo curso dos sistemas de jogo 4-4-2 e 3-5-2**. BD Empreendimentos – Canal Quatro – Universidade Federal de Viçosa, 2000.

RAMOS, M.G. S.C. **Rio Grande: centenário do futebol brasileiro**. Rio Grande, RS: Editora da FURG.2000.

SAAD, M; COSTA, C. **Futsal: movimentações defensivas e ofensivas**. 1.ed. Florianópolis, SC: bookstore, 2001.

SANTANA, W. **Futsal: apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

TOLEDO, L.H. **Lógicas no futebol**. São Paulo, SP: Hucitec, Fapesp, 2002.

TOLUSSI, F. **Futebol de salão: tática, regra, história**. São Paulo, SP: Brasrial, 1982.

UNZELTE, C. **O livro de ouro do futebol**. São Paulo: edíouro, 2002.